



# mosaico

resignificando a indústria  
cerâmica em Mogi Guaçu

marília valeiro

Trabalho Final De Graduação  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo  
Dezembro | 2022

# mosaico

ressignificando a indústria  
cerâmica em Mogi guaçu

Marília Valeiro  
Orientação: Juliana Braga

À banca,  
Meus mais sinceros agradecimentos.  
Obrigada pela paciência e disposição.  
Foi um honra e um prazer compartilhar este momento com vocês.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Juliana Braga Costa (FAUUSP)

---

Prof. Dr. Raissa Pereira Cintra de Oliveira (UNASP/EC)

---

Prof. Dr. Helena Aparecida Ayoub Silva (FAUUSP)

dedico

*À minha família.*

*Por acreditarem em mim mais do que eu mesma.*



## agradeço

À minha mãe e ao meu pai, que me incentivaram a ter coragem e me ensinaram que tudo tem seu tempo e nada é por acaso. Vocês são o meu chão, obrigada por me ensinarem o valor da educação, uma das únicas coisas que ninguém pode tirar de nós.

Ao meu irmão, que me faz querer ser uma pessoa melhor. Obrigada por ser meu grande parceiro.

À minha família, obrigada por serem sempre os primeiros a celebrar minhas conquistas.

Aos meus amigos e amigas, que muitas vezes, sem nem saber, foram meu refúgio e me fizeram ver que eu nunca estive sozinha.

À Ju Braga, por ter aceitado me guiar neste ano que se passou, por estar ao meu lado quando os desafios surgiram e por me incentivar a confiar em mim mesma.

À FAU, escola e comunidade, meu primeiro sonho realizado, agradeço por me ensinar sobre arquitetura, mas também sobre muitas tantas outras coisas da vida. Esses anos foram um privilégio e uma honra.

Pensar a cidade como um mosaico pode não ser algo tão imediato, porém, com um pouco mais de imaginação, essa ideia certamente começa a fazer sentido. No caso da cidade de Mogi Guaçu no interior do Estado de São Paulo, essa analogia torna-se ainda mais interessante, considerando que, durante anos, a indústria cerâmica foi a principal responsável pelo desenvolvimento do município, com foco na produção e acabamento de pisos e azulejos. No entanto, com o tempo, a produção cerâmica de Mogi Guaçu não acompanhou a modernização do ramo, entrando em decadência, de modo que, hoje, existem fragmentos das fábricas abandonados na paisagem da cidade, criando espaços de conflito entre essa memória e a vida cotidiana. Observando esses conflitos, busca-se, através do projeto de equipamento cultural e de lazer no espaço da antiga cerâmica Guainco, expor uma alternativa para reintegrar esses espaços abandonados pela indústria à vida cotidiana. Assim como um mosaico, o projeto buscou valer-se dos fragmentos existentes, para desenvolver algo novo, considerando que esta seria a forma mais justa de devolver o espaço e a memória para a cidade.

**Palavras-chave:** Mogi Guaçu; Indústria Cerâmica; Reuso; Espaço Público

sumário

1. • Fragmentos  
Como construí meu tema ..... 15

2. • Revisar e reunir  
Coletando informações ..... 21

3. • Coerência e Recomposição  
Como abordar o desafio ..... 67

4. • Resignificado  
Dando forma ao projeto ..... 81

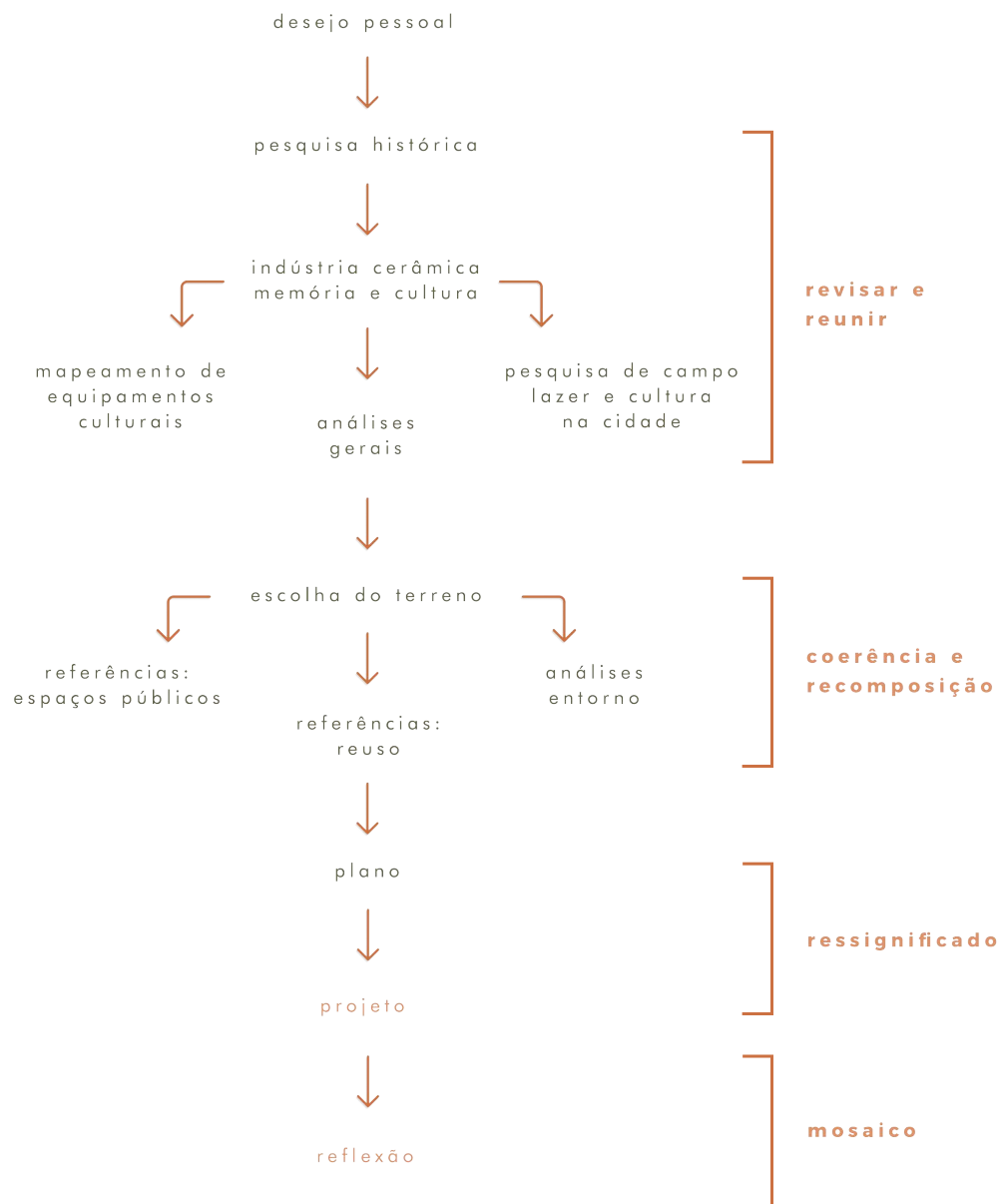
5. • Mosaico  
Uma reflexão ..... 115

6. • Bibliografia ..... 119



Assim como diversos outros alunos da graduação da FAU, passei esses anos todos no trâmite quase que semanal entre a faculdade e minha casa, mais especificamente entre a capital São Paulo e Mogi Mirim no interior do estado. Era como se existisse um fragmento de mim em cada lugar. Frente a frente com o fim dessa fase difícil, mas ainda assim maravilhosa, que é a graduação, senti que era o momento de unir essas minhas duas realidades de alguma forma. Portanto, quando comecei a pensar em qual seria o tema do meu trabalho final, não tive dúvida de que gostaria de desenvolver um projeto na minha cidade, ou próximo dela, um local que eu conheço e que poderia se beneficiar de alguma forma de todo conhecimento que eu venho adquirindo ao longo dos anos na academia. Comecei, portanto, com a escolha de um lugar de afeto, e a partir daí estive aberta às mais diversas possibilidades que aquilo poderia gerar.

Uma das questões que sempre me chamou atenção na cidade de São Paulo é a relação das pessoas com o espaço público. Os espaços são qualificados para os mais diversos usos, faixas etárias e interesses; e sempre tive a impressão de que no interior essa variedade era muito menos rica. Entendo que isso faz parte do nível de urbanização e dimensão de ambas cidades, e assim percebi que, na verdade, há muito tempo eu não frequentava um espaço de



Ao lado:  
Esquema de como o  
processo do trabalho se deu.

lazer/cultura público. Assim, comecei meu processo tentando entender melhor quais são os equipamentos disponíveis e o modo como as pessoas da minha cidade e da cidade vizinha se apropriam desses espaços, principalmente de cultura e lazer. Essa análise foi um dos pilares para a escolha do meu objeto de trabalho, juntamente com o estudo historiográfico.

A pesquisa historiográfica foi realizada de forma paralela à análises gerais. A partir dela foi possível entender as fases de desenvolvimento e crescimento das cidades de Mogi Mirim e Mogi Guaçu; e avaliar quais eram os vestígios e traços importantes que esses momentos deixaram no espaço. Com essa pesquisa, pude selecionar possíveis locais de interesse, sendo que alguns deles eram antigas indústrias cerâmicas. Estas, foram grandes responsáveis por alavancar o desenvolvimento industrial principalmente da cidade de Mogi Guaçu. Conforme a urbanização acontecia, elas se deslocaram para as bordas da cidade; ou, eventualmente, pararam de funcionar devido ao desenvolvimento de tecnologias mais avançadas que se difundiram por outras cidades, fazendo com que os processos realizados no município não fossem tão eficientes e rentáveis. Assim, como reflexo disso, grandes vazios se abriram no centro urbano, e, alguns deles, permanecem até hoje.

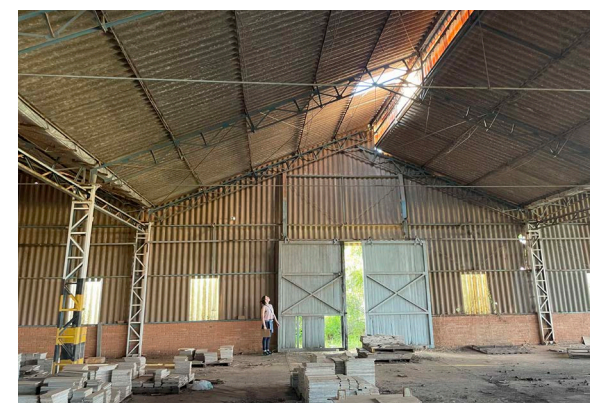
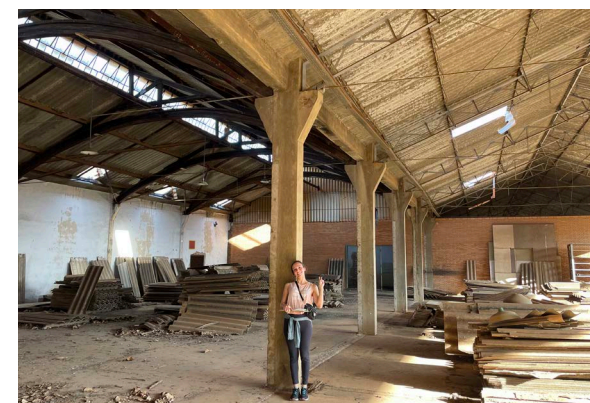
Considerando portanto os levantamentos e o estudo historiográfico, escolhi o local que julguei mais interessante e, neste processo, me deparei com uma questão que não era minha intenção inicial, mas despertou grande curiosidade e entusiasmo para trabalhar. O terreno escolhido conta com ruínas de um conjunto de galpões da indústria cerâmica – Cerâmica Guainco – que funcionava ali, mas que veio a falir. Esses fragmentos industriais se tornaram instantaneamente parte do meu projeto futuro, mesmo que, de início, eu ainda não tivesse certeza do que ele viria a se tornar de fato. Ao longo da minha graduação me interessei bastante por disciplinas que envolviam reuso e qualificação, de modo que, quando tive a oportunidade de realizar um intercâmbio acadêmico no Politecnico di Milano na Itália, incluí no meu plano de estudos disciplinas que



aprofundassem ainda mais no assunto, e foi uma experiência enriquecedora. Por esse motivo me senti empolgada e, de certa forma, familiarizada com aqueles vestígios que encontrei no terreno e, então, decidi que não iria me esquivar dessa responsabilidade e, mesmo não sendo a intenção inicial e principal do meu trabalho, enfrentei a questão da melhor forma que eu consegui.

A partir das análises do município, do entorno, do local escolhido e da importante pesquisa por referências arquitetônicas, foi desenvolvida inicialmente a setorização daquele terreno pensando nele como um grande parque cultural, cuja peça central seria o galpão existente, requalificado para os usos culturais e de lazer pensados. No entanto, surgiu a questão de como o espaço disponível poderia ser efetivamente aproveitado (não necessariamente ocupado, mas que fosse atribuído um caráter aos espaços), considerando que existiria uma concentração de usos e movimento próximos ao galpão da antiga cerâmica, de modo com que isso não significasse um abandono das outras partes do terreno e suas potencialidades. Além disso, a setorização realizada permitiu observar como este terreno e suas grandes dimensões tinham capacidade para abrigar não só programas culturais e espaços de lazer, mas também alguns dos fluxos do próprio cotidiano da cidade. E, a partir disso, foi pensado no projeto de um equipamento de conexão não só entre os diversos níveis do parque cultural, mas também entre as ruas que circundam o terreno.

Idealmente, seria interessante indicar com detalhes todas as partes que viriam a compor o parque, porém, considerando as limitações do período de desenvolvimento do trabalho, concluiu-se que seria possível trabalhar com detalhes o equipamento de conexão projetado e o equipamento cultural, que faz proveito dos vestígios da antiga cerâmica. Sendo assim, nos concentramos no estudo de parte dessas estruturas que compõem o plano geral, mas com a ciência de que um terreno com essa dimensão e complexidade apresenta muitas outras questões a serem desenvolvidas.



Ao lado:  
Imagens da visita aos  
galpões da antiga Cerâmica  
Guainco

Fonte: Autora



Apesar de ter decidido desenvolver meu projeto na cidade onde eu nasci, ainda assim não é possível iniciar o processo de projeto sem antes entender melhor a história do local, os processos pelos quais a cidade passou e o porquê das coisas estarem do jeito que estão no espaço urbano. Portanto, um dos meus passos iniciais foi o estudo historiográfico.

A cidade de Mogi Guaçu fica localizada no interior do Estado de São Paulo distante aproximadamente 163Km a norte da Capital São Paulo. O nome “Mogi Guaçu” é derivado do rio que corta seu território e tem origem tupi-guarani com significado de “Rio Grande das Cobras” (LEGASPE, 1993).

Até metade do século XVII os únicos habitantes eram os índios Caiapós e por volta de 1650/55, bandeirantes e mineradores vieram da então “Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Jundiá” em direção à Minas Gerais e, ao se depararem com o rio Mogi Guaçu, se instalaram em suas margens em um local conhecido como “Cachoeira de Cima”. Neste local, a transposição era facilitada pela existência de algumas pedras. Os grupos ali instalados que permaneceram, eventualmente tentaram a mineração, mas não tiveram sucesso e assim partiram para a agricultura, pesca e criação de animais.



*Ao lado:  
Mulheres trabalhando no  
acabamento de peças  
cerâmicas hexagonais*

*Fonte: Autor desconhecido*

Dois séculos depois, por volta de 1720/22, distante mais ou menos 5Km da Cachoeira de Cima no sentido do rio abaixo, um outro povoado se formava próximo à estrada que conectava o porto de São Vicente ao Interior de Minas Gerais. O povoado, que recebeu o nome de “Nossa Senhora da Conceição do Campo” foi se desenvolvendo e se tornou um entreposto de abastecimento dos Bandeirantes que passavam por aquele caminho. A passagem constante de bandeiras, caravanas, aventureiros, cavaleiros e tropeiros fez com que a região se tornasse um local de pernoite e abastecimento de mercadorias, intensificando as atividades comerciais da cidade e auxiliando no seu desenvolvimento e crescimento.

O comércio foi a principal atividade econômica da cidade por um longo período. Passaram-se os ciclos do ouro e do açúcar sem grandes mudanças nessa estrutura. Com o momento de auge da produção cafeeira, Mogi Guaçu esteve circundado por diversas cidades que configuravam a Zona

Mogiana, maior produtora de café do país. O município em si não tinha uma produção de grande impacto, porém se beneficiou do desenvolvimento trazido por essa cultura para a região. Um exemplo desse desenvolvimento foi a fundação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro em 1872 pelo próprios produtores de café, com uma linha que passava pelo município. O novo transporte tornou quase que obsoletas as antigas estradas ao redor das quais o primeiro povoado se desenvolveu, causando o abandono de ranchos e depósitos que ficavam a beira dessas estradas, porém gerou um novo movimento na área. Com a abolição da escravidão em 1888, a vinda de imigrantes, principalmente italianos, dinamizou a economia da região para além das lavouras de café, desenvolvendo ainda mais o comércio e posteriormente a indústria, no caso do município de Mogi Guaçu, especialmente a indústria cerâmica, pela existência do “taguá”, uma argila própria para a produção cerâmica.

Quando, em 1929, a superprodução cafeeira abalou a economia nacional e, consequentemente, da região Mogiana, a cidade de Mogi Guaçu já possuía um setor industrial de produção cerâmica bem desenvolvido e, daquele momento em diante, foi esse setor que deu suporte ao crescimento da cidade. A indústria cerâmica em Mogi Guaçu teve início com o Padre José Armani, vindo da Itália em 1888, trazendo do continente europeu técnicas modernas para a época para a fabricação das famosas telhas francesas. Além de sacerdote, montou uma cerâmica próxima ao rio Mogi Guaçu e começou a produção de telhas na cidade. Por volta de 1908, Luiz Martini, outro italiano, instalou-se no conhecido “Bairro das Olarias” onde estabeleceu sua fabricação de tijolos. Em 1921, suas instalações já estavam amplas e assim começou a fabricar também as telhas francesas. Em 1926, iniciou a produção de manilhas, uma produção que, mais tarde, se tornou a maior da América Latina. Outros nomes se destacaram como pioneiros da indústria cerâmica Guaçuana, entre eles Domingues Brunelli (fundador da pequena cerâmica que deu

origem à atual Cerâmica Chiarelli); Fioravante Gerbi (fundador da Cerâmica Gerbi); Oscar Chiarelli (transformou a pequena cerâmica fundada por Domingos Brunelli, na atual Cerâmica Chiarelli); Francisco, Waldomiro Oscar e Honório Martini (fundadores da extinta Cerâmica Mogi Guaçu); Antonio da Silveira Ramalho (Cerâmica Ramalho - Bairro Urutuba); Padre José Armani (antiga Cerâmica Armani) e Adolfo Armani (Cerâmica São José) (LEGASPE, 1993).

Algumas outras cerâmicas se ergueram ao longo dos anos no município, sendo que em 1957, Mogi Guaçu foi denominada a “capital da cerâmica”. Por volta de 1970 é fundada a Cerâmica Guainco Pisos Esmaltados Ltda. De acordo com informações coletadas através de relatos, a Guainco teve 3 unidades em Mogi Guaçu e, ao longo dos anos, antes de declarar falência, teve suas unidades compradas por outras cerâmicas maiores. As informações sobre a Guainco em específico são poucas, provavelmente devido a esses processos de anexação por outras cerâmicas, porém, foi recolhida a maior quantidade de dados e relatos possível. Assim como a Guainco, diversas outras cerâmicas fecharam as portas ou se deslocaram, de modo que atualmente, apenas a Cerâmica Lanzi, em recuperação judicial, continua ativa no município.

A indústria cerâmica foi, portanto, o pontapé inicial do desenvolvimento industrial da cidade, dando início ao setor que, ainda na atualidade, desempenha importante papel na sua economia com a presença de empresas como Mahle, International Paper, Ingredion-Unilever, Sandvik e outras.

A partir do estudo histórico, foi possível identificar como a questão da indústria cerâmica no município teve grande impacto no desenvolvimento da cidade no passado, mas também como ainda hoje impactam pelo fato de terem deixado fragmentos no território, juntamente com grandes porções de terra vazias muito

Ao lado:  
Imagem Cerâmica Martini

Fonte: Memórias de Mogi Guaçu - Facebook



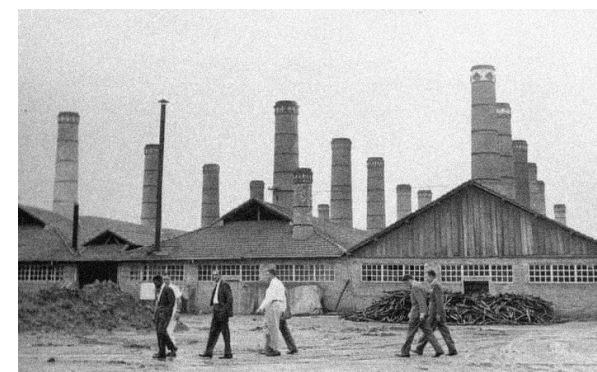
Ao lado:  
Imagem Cerâmica Chiarelli

Fonte: Memórias de Mogi Guaçu - Facebook



Ao lado:  
Imagem Cerâmica São José

Fonte: Memórias de Mogi Guaçu - Facebook





próximas ao centro da cidade e com muito potencial social. Desta forma, tomou-se a decisão de utilizar um desses terrenos para a realização do projeto, como uma forma de atribuir novamente o caráter de importância que aquele espaço um dia teve para a cidade, bem como na intenção de preservar essa memória presente nos vestígios existentes.

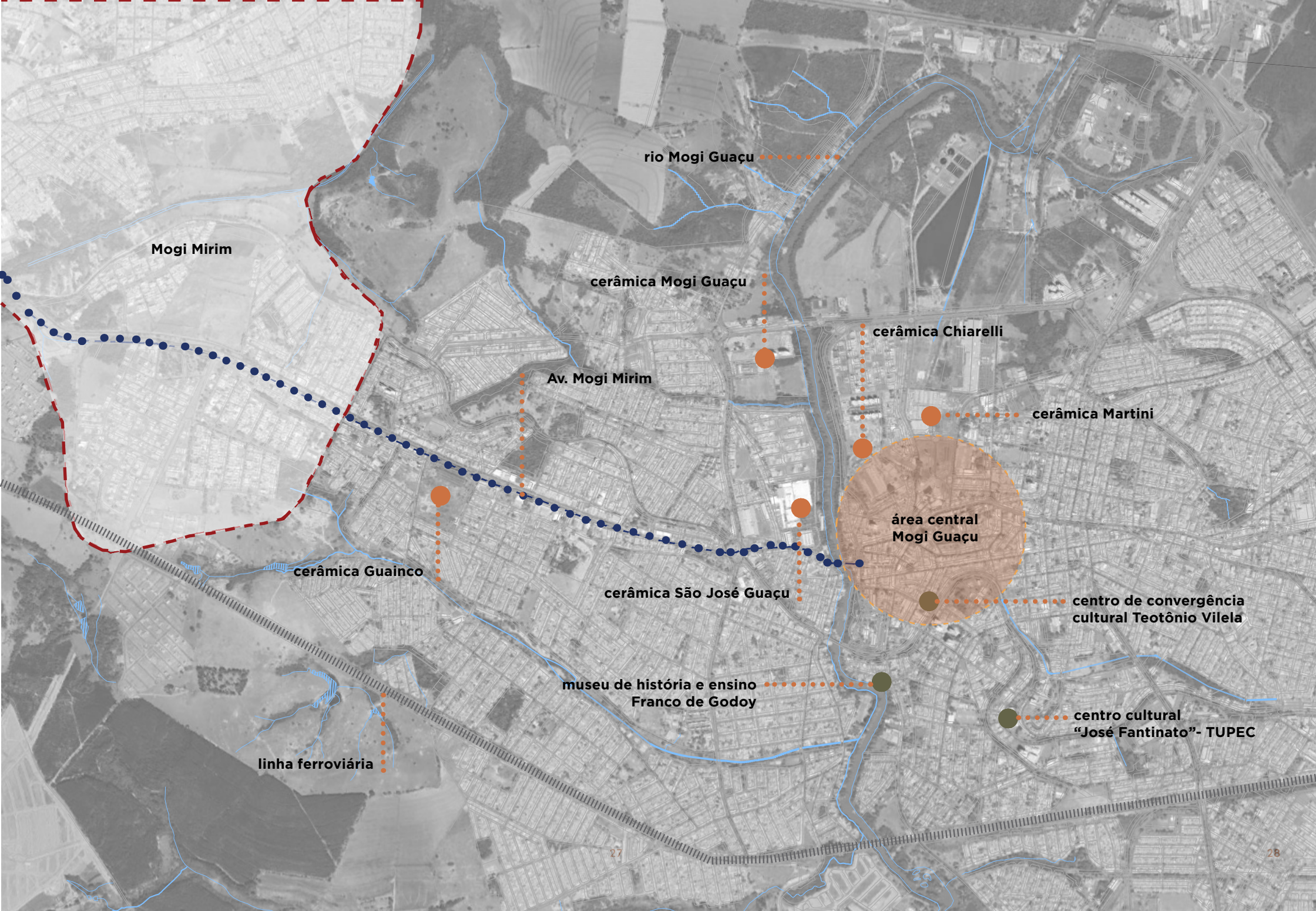
A fim de selecionar um dos terrenos observados para o desenvolvimento do projeto e, considerando que, neste ponto, o viés do programa já havia sido encaminhado para a questão da cultura e da memória, entendeu-se que seria importante realizar algumas análises do território.

A primeira análise realizada foi um mapeamento simplificado, contendo os terrenos das antigas cerâmicas, juntamente com a localização dos equipamentos públicos de caráter cultural e algumas outras informações que poderiam auxiliar na escolha do local onde seria realizado o projeto.

Tendo sido feito este mapeamento, foi possível observar com mais clareza algumas coisas que já haviam sido presumidas a partir de um conhecimento prévio do município. Existe, portanto, uma concentração de grandes vazios configurados pelas indústrias cerâmicas abandonadas próxima à área central da cidade. Apenas um dos terrenos se distancia um pouco do centro, localizando-se, no entanto, próximo à uma avenida de caráter estruturador, a Avenida Mogi Mirim, responsável por fazer a conexão direta entre os municípios de Mogi Guaçu e Mogi Mirim, duas cidades completamente conurbadas que, no passado, inclusive, haviam sido uma só.

A segunda observação diz respeito à concentração dos equipamentos culturais públicos, museus, bibliotecas, teatros, etc; também próxima à área central do município de Mogi Guaçu e, cuja função seria, entre outras, a difusão e valorização da história municipal.

Além deste mapeamento inicial, foi realizada também a análise em campo de alguns dos parques/equipamentos de lazer, mais





movimentados e utilizados nos municípios de Mogi Mirim e Mogi Guaçu, com o intuito de compreender quais são os padrões de uso e interesse da população, quais são as deficiências desses locais, dentro das propostas imaginadas para o projeto, que no momento consistia em um parque equipamento cultural e de lazer, focados, principalmente no uso cotidiano, e, assim, poder escolher o terreno mais adequado para sua implantação.

Nesta etapa, considerando a forte conexão entre as cidades de Mogi Guaçu e Mogi Mirim, sentiu-se a necessidade de fazer esta análise em uma escala maior, portando foram visitados 6 parques, 3 em Mogi Mirim: Complexo Lavapés (Zerão), Espaço 250 anos “Valter Abruzez” e Espaço Cidadão; e 3 em Mogi Guaçu: Campo da Brahma, Parque dos Ingás e Praça da Abolição. Além do levantamento fotográfico, também foram feitos comentários e notas das impressões dos locais; e uma pesquisa de movimento nos diferentes horários do dia em diferentes dias da semana, tendo em mente a intenção do projeto de estar fortemente conectado ao cotidiano da cidade.

Ao lado:  
O mapa indica a localização  
dos espaços públicos  
visitados

- 1 Complexo Lavapés
- 2 Espaço 250 anos
- 3 Espaço Cidadão
- 4 Campo da Brahma
- 5 Parque dos Ingás
- 6 Praça da Abolição

Limite dos  
municípios

Áreas centrais



# 1

## Complexo Lavapés

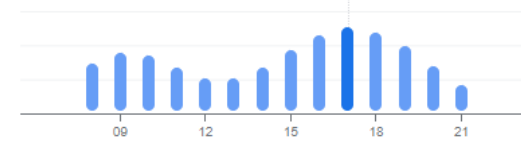
O Complexo Lavapés, também conhecido como “Zerão”, tem a configuração de um parque linear, porém a parte mais movimentada fica nas proximidades de um hotel com alguns bares e um mercado próximos. Dentro dele existe um grande lago e um córrego, é equipado com pista de caminhada, ciclovía, academia ao ar livre, parque infantil, quadras poliesportivas, campo society e um teatro de arena. O uso do parque é bem cotidiano como é possível observar nos gráficos, sendo mais movimentado no início da manhã e no final da tarde em dias da semana, momentos em que as pessoas geralmente conseguem/querem se exercitar (por isso é imaginável o motivo pelo qual nos domingos à tarde não seja mapeado nenhum movimento).

Ao lado:  
Movimento de pessoas no  
local nos diferentes horários  
e dias da semana  
Fonte: Google

seg



ter



qua



qui



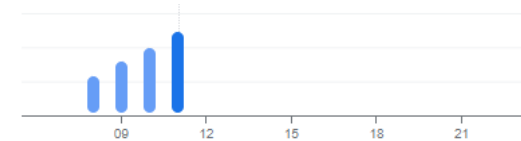
sex



sáb



dom

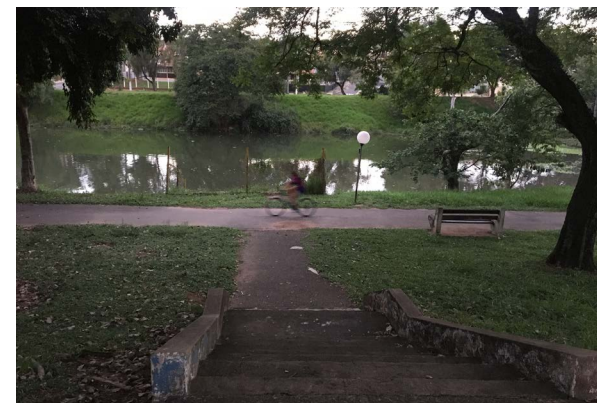






Ao lado:  
Imagens do Complexo  
Lavapés em Mogi Mirim

Fonte: Autora



Ao lado:  
Imagens do Complexo  
Lavapés em Mogi Mirim

Fonte: Autora

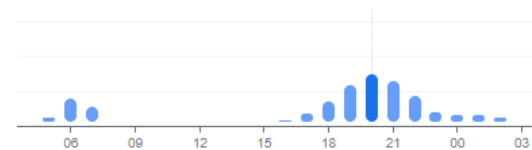
# 2

## Espaço 250 anos

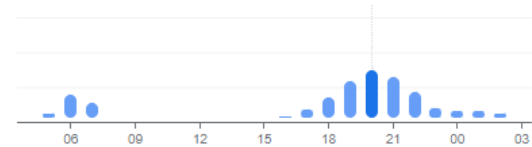
O Espaço 250 anos “Jornalista Valter Abruhez” foi construído em comemoração aos 250 anos do município de Mogi Mirim em 2019. Sua localização é quase central na cidade e fica ao lado do Centro Cultural, próximo a um pequeno córrego. O espaço foi criado tanto como uma praça de apoio ao Centro Cultural, como um local para receber eventos da prefeitura. Devido à sua localização, apresenta um movimento de pessoas constante ao longo dos dias da semana, tanto de pessoas que passam para acessar o centro cultural onde acontecem exposições, aulas de instrumentos, apresentações de teatro, entre outras atrações culturais (por isso o padrão relativamente constante de movimento como observado nos gráficos); quanto aquelas que vão para sentar e ficar um pouco por ali. A praça conta com um mobiliário para descanso e um pequeno palco.

Ao lado:  
Movimento de pessoas no  
local nos diferentes horários  
e dias da semana  
Fonte: Google

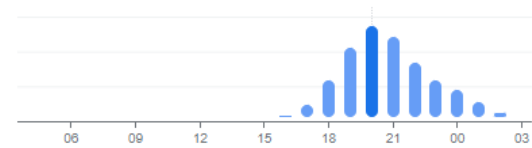
seg



ter



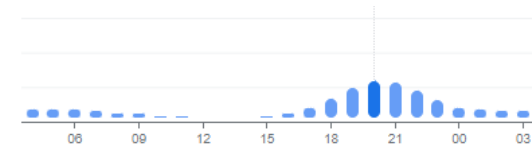
qua



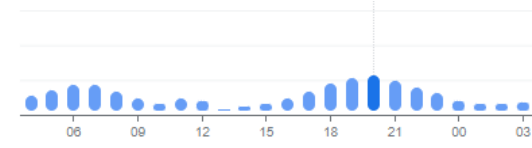
qui



sex



sáb



dom







Ao lado:  
Imagens do Espaço 250  
anos em Mogi Mirim

Fonte: Autora



Ao lado:  
Imagens do Espaço 250  
anos em Mogi Mirim

Fonte: Autora



# 3

## Espaço Cidadão

O Espaço Cidadão é localizado ao final da principal avenida do centro da cidade de Mogi Mirim. O movimento diário se deve principalmente por pessoas passando, considerando a sua localização. Os momentos em que o local apresenta maior movimento são às noites de quarta e aos sábados de manhã, como é possível compreender a partir dos gráficos, dias em que acontece a feira municipal. O Espaço Cidadão é também um dos locais na cidade que costumam receber os eventos da prefeitura Municipal, portanto em dias de evento, o movimento aumenta consideravelmente. O local também abriga a “Estação Educação”, antiga estação ferroviária do município que é um espaço voltado para capacitação, cursos, palestras e realização de eventos públicos. Recentemente vem sendo construído um pousaponto ao lado, que provavelmente trará outro movimento para o local.

Ao lado:  
Movimento de pessoas no  
local nos diferentes horários  
e dias da semana  
Fonte: Google

seg



ter



qua



qui



sex

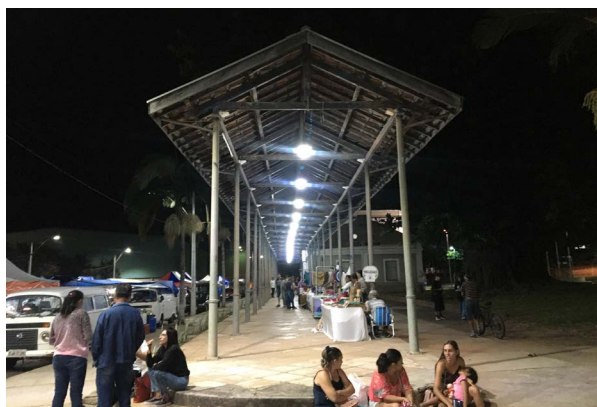


sáb



dom





Ao lado:  
Imagens do Espaço Cidadão  
em Mogi Mirim

Fonte: Autora



Ao lado:  
Imagens do Espaço Cidadão  
em Mogi Mirim

Fonte: Autora

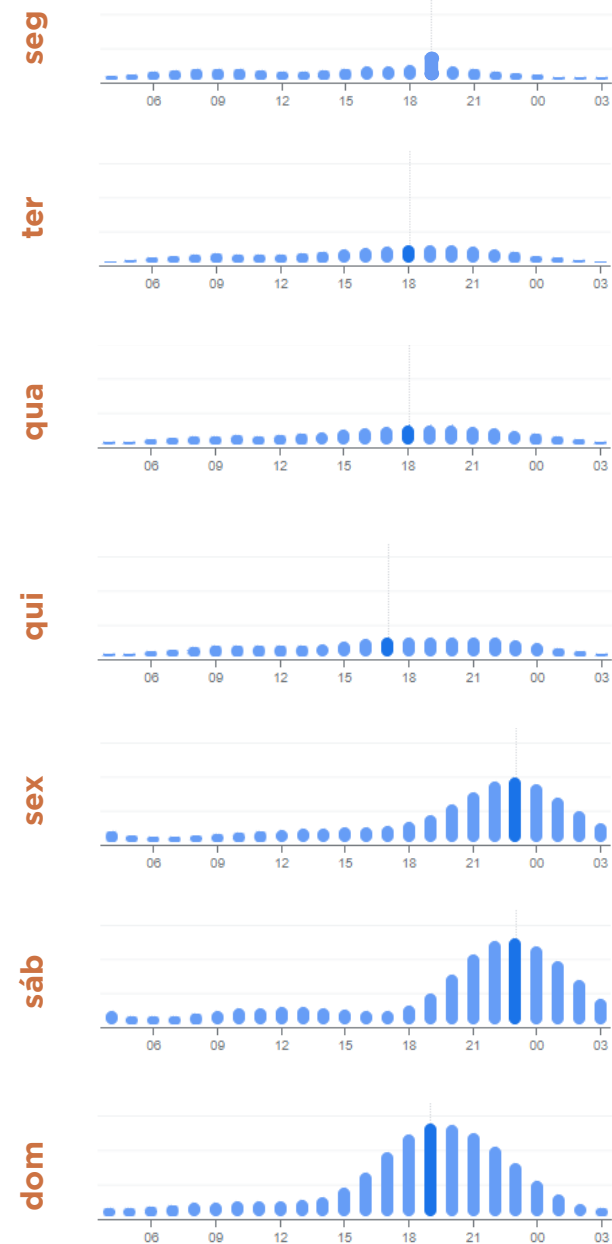


# 4

## Campo da Brahma

O Campo da Brahma, que recebe este nome pelo fato de que antigamente existia um depósito da Brahma na rua em frente ao campo, é localizado em uma área predominantemente residencial, porém nos seus arredores diretos existem diversos restaurantes e bares que geram o movimento diferenciado na região principalmente aos finais de tarde, noite e principalmente nos finais de semana, como é observável pelos gráficos. O parque é composto por duas praças, sendo que uma delas é equipada com um campo de futebol society e um parque infantil, e a outra com uma pista de skate. O principal movimento ocorre devido a estes equipamentos e às pessoas caminhando por ser um local plano e, como mencionado, em uma área majoritariamente residencial.

Ao lado:  
Movimento de pessoas no  
local nos diferentes horários  
e dias da semana  
Fonte: Google







Ao lado:  
Imagens do Complexo da  
Brahma em Mogi Guaçu

Fonte: Autora



Ao lado:  
Imagens do Complexo da  
Brahma em Mogi Guaçu

Fonte: Autora

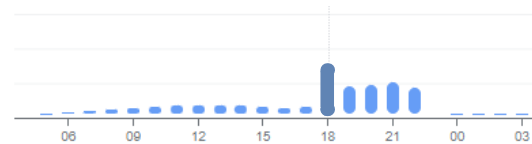
# 5

## Parque dos Ingás

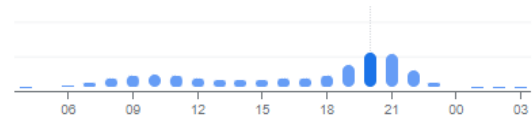
O Parque dos Ingás é um exemplo de parque construído no local de uma antiga cerâmica, a Cerâmica Mogi Guaçu, às margens do Rio Mogi Guaçu e posicionado no centro da cidade. A relação com o rio é um dos pontos mais interessantes do parque. Embora tenha uma grade que limite o acesso, é possível, através de um portão, chegar bem próximo do rio em uma faixa de terra de largura considerável e diversas árvores. O movimento do parque ao longo da semana se deve principalmente pela passagem das pessoas por ser localizado na área central. Aos finais de semana o movimento é maior, principalmente pelo fato de ser um parque que frequentemente recebe eventos realizados pela prefeitura.

Ao lado:  
Movimento de pessoas no  
local nos diferentes horários  
e dias da semana  
Fonte: Google

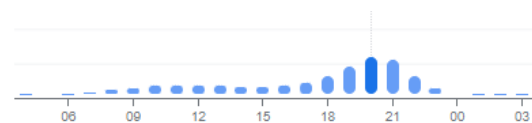
seg



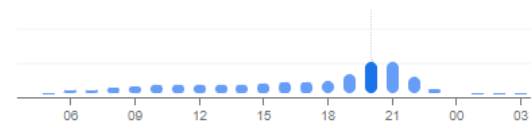
ter



qua



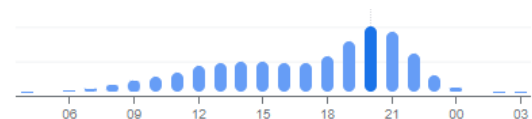
qui



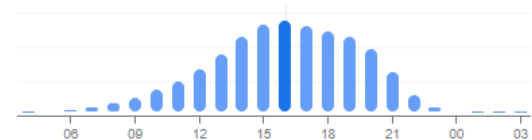
sex



sáb



dom







Ao lado:  
Imagens do Parque dos  
Ingás em Mogi Guaçu

Fonte: Autora



Ao lado:  
Imagens do Parque dos  
Ingás em Mogi Guaçu

Fonte: Autora



# 6

## Praça da Abolição

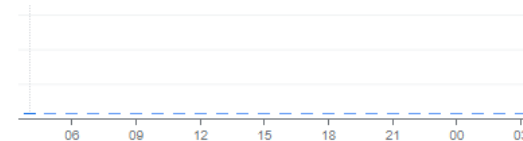
A Praça da Abolição se encontra em uma das saídas da cidade de Mogi Guaçu. Nos arredores estão se desenvolvendo alguns empreendimentos imobiliários. A praça é ampla, plana, aberta e, até pouco tempo, não tinha nenhum equipamento, sendo que as pessoas iam até lá para sentar na grama, conversar e ouvir música. O movimento aos fins de semana é completamente diferente dos dias da semana. Ao longo da semana é simplesmente um vazio. Atualmente foram construídas duas quadras de vôlei de areia e dois parques infantis, mas ainda sim a principal atividade é sentar na grama e aproveitar um tempo no sol. O movimento continua sendo principalmente nos finais de tarde aos finais de semana como se pode observar nos gráficos e baseado na minha percepção.

Ao lado:  
Movimento de pessoas no  
local nos diferentes horários  
e dias da semana  
Fonte: Google

seg



ter



qua



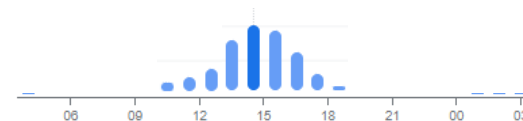
qui



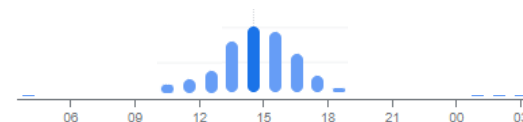
sex



sáb



dom







*Ao lado:  
Imagens da Praça da  
Abolição em Mogi Guaçu*

*Fonte: Autora*



*Ao lado:  
Imagens da Praça da  
Abolição em Mogi Guaçu*

*Fonte: Autora*



Depois de feitas as visitas aos parques, foi possível entender que o potencial de um terreno está em um conjunto de coisas. Todos ambientes têm pontos positivos e pontos negativos, porém um conjunto atraente para o público envolve, entre outras coisas, acesso (acessível no sentido de acessibilidade, mas também de fácil acesso), visão (ver e ser visto, não só por questões de socialização, mas também segurança) e imprevisão (permitir que os espaços possam ser usados de formas não imaginadas).

A partir dessas considerações, foi selecionado o terreno da antiga Cerâmica Guainco, localizado na Av. Mogi Mirim em Mogi Guaçu. O terreno de aproximadamente 68.078 metros quadrados, tem cerca de 12.406 metros quadrados de remanescentes da indústria cerâmica que funcionava ali.

Como mencionado anteriormente, as informações sobre o funcionamento da cerâmica Guainco foram obtidas, principalmente, a partir da própria visita ao local, porém, com ajuda de imagens de satélite ao longo do tempo foi possível concluir que os galpões que ainda existem no terreno, compõem, na verdade, uma parte da fábrica apenas. As imagens coletadas que permitem observar a evolução do desmonte do galpão são três, sendo dos anos de 2008, 2012 e, a mais recente, de 2022.

Entre 2008 e 2012 ocorreu um desmonte de três galpões inteiros, cuja estrutura, no caso destes galpões, metálica, encontra-se deitada sob a cobertura dos quatro galpões restantes com estrutura em madeira. Assume-se que as estruturas tenham sido desmontadas com o intuito de reaproveitá-las ou vendê-las, porém o terreno atualmente passa por diversos processos judiciais, provavelmente por esse motivo nada ainda foi tirado de lá. Entre 2012 e 2022 a diferença entre as coberturas é bem sutil, mas reflete como, em 10 anos, os galpões que ainda estão de pé, foram praticamente abandonados, de modo que um pequeno trecho de sua estrutura ruíu.



Ao lado:  
O mapa indica o local  
escolhido para realização do  
projeto







2008



7 galpões ao todo



2012



4 galpões restantes



2022



Parte da cobertura  
dos galpões cedeu



Acima:  
O mapa indica a localização  
dos espaços públicos  
visitados

- Residencial
- Institucional
- Áreas Verdes
- Comercial
- Terreno Vazio



Ao lado:  
Imagem das grades do  
terreno viradas para a Rua  
Sérgio Sinico

Fonte: Google Maps



Ao lado:  
Imagem do muro do terreno  
virado para a Rua Vera Cruz

Fonte: Google Maps



Ao lado:  
Imagem do muro do terreno  
virado para a Rua Vera Cruz

Fonte: Google Maps







Ao lado:  
Imagens dos muros da  
indústria na Rua Yolanda  
Martini Chiarelli

Fonte: Google Maps

Ao lado:  
Imagem da calçada e da  
grade da do terreno na  
Avenida Mogi Mirim

Fonte: Google Maps



Ao lado:  
Imagens dos muros da  
indústria na Rua Yolanda  
Martini Chiarelli

Fonte: Google Maps

Ao lado:  
Imagem do letreiro da  
Guainco virado para a  
Avenida Mogi Mirim

Fonte: Google Maps



Ao lado:  
Imagens dos muros da  
indústria na Rua Yolanda  
Martini Chiarelli

Fonte: Google Maps

Ao lado:  
Imagem da entrada da  
indústria localizada na Rua  
Sergio Sinico

Fonte: Google Maps

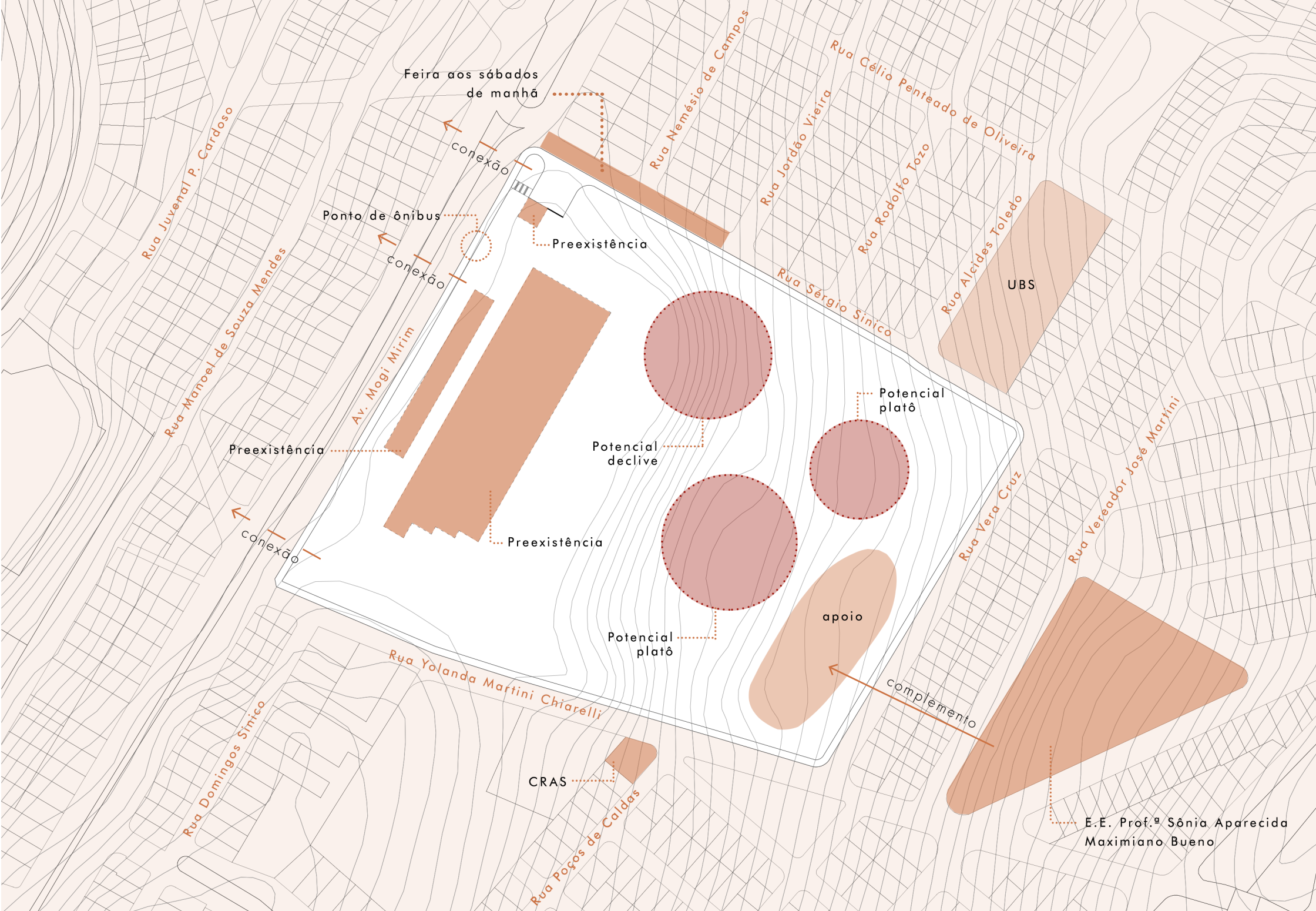




A fim de dar início ao processo de projeto, foram realizadas análises de entorno dentro de um raio de 500m a partir do terreno. Embora o equipamento tenha potencial para funcionar e atender as demandas dos municípios de Mogi Mirim e Mogi Guaçu, levando em consideração sua dimensão, mas também sua localização privilegiada; uma das intenções estabelecidas desde o início e refletida nas análises para a escolha do terreno, foi a diferença que aquele espaço poderia ter no cotidiano das pessoas. Assim, priorizou-se a observação das dinâmicas que se davam nas proximidades.

A partir do mapeamento do uso do solo, juntamente com a observação do entorno, nota-se que o terreno se encontra em uma região predominantemente residencial, mesmo estando ao lado de um grande eixo estruturador caracterizado pelo uso comercial, que é a Avenida Mogi Mirim. Ao seu redor existem duas escolas: uma do ensino particular Anglo e um escola estadual (E.E. Prof.<sup>a</sup> Sônia Aparecida Maximiano Bueno). Além disso, há também uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Foi observado também, na avenida, próximo à uma das antigas portarias da fábrica a presença de um ponto de ônibus. Outra dinâmica interessante que também acontece próxima à portaria mencionada é uma feira de produtos locais aos sábados pela manhã na rua Sérgio Sinico, dinâmica essa que pretende ser incorporada pelo projeto do parque cultural.

Por fim, o terreno apresenta uma topografia que aparenta ser bastante acidentada, e, de fato, o desnível de aproximadamente 22 metros parece muito, porém as dimensões do terreno são muito generosas (aproximadamente 300m na Av. Mogi Mirim; 310m na Rua Sergio Sinico; 230m da rua Vera Cruz; e 330m na rua Yolanda Martini Chiarelli), de modo que a inclinação se torna agradável em alguns pontos e interessante em outros.



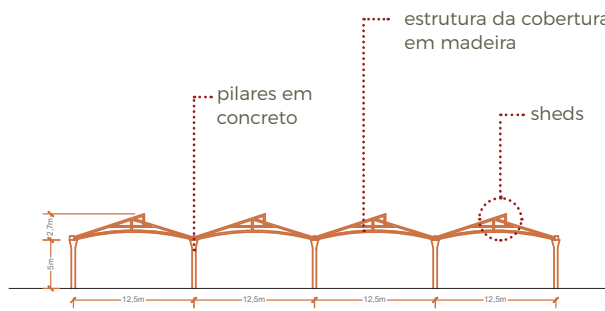




Como já foi mencionado, trabalhar com a preexistência não era a ideia inicial do trabalho, mas, uma vez que a questão se apresentou, decidiu-se que ela seria enfrentada de modo a respeitar a memória a partir da requalificação e do reuso da estrutura existente. Em linhas gerais, existem algumas formas reconhecidas de lidar com as preexistências nas áreas da arquitetura que trabalham com bens construídos, e ainda, existem diversas discussões acerca da preservação de sítios industriais no Brasil que não serão aprofundadas neste trabalho. Porém, de uma forma ou de outra, foi necessário um embasamento para realizar a requalificação dos galpões da antiga Cerâmica Guainco para os novos usos propostos de uma forma minimamente adequada.

Assim, com base em uma breve pesquisa bibliográfica acerca do tema, compreendeu-se que preservar a memória do local, neste caso em específico que não se trabalha com um patrimônio tombado ou protegido de qualquer forma, não significava manter o espaço intocado, mas sim selecionar os elementos que caracterizam aquela arquitetura como um todo e intervir de modo que as alterações sejam claras e objetivas, buscando sempre respeitar todas as fases presentes na preexistência bem como realizar as adequações necessárias ao novo uso. Sendo assim, no caso da Cerâmica Guainco, as intervenções foram realizadas através de três operações

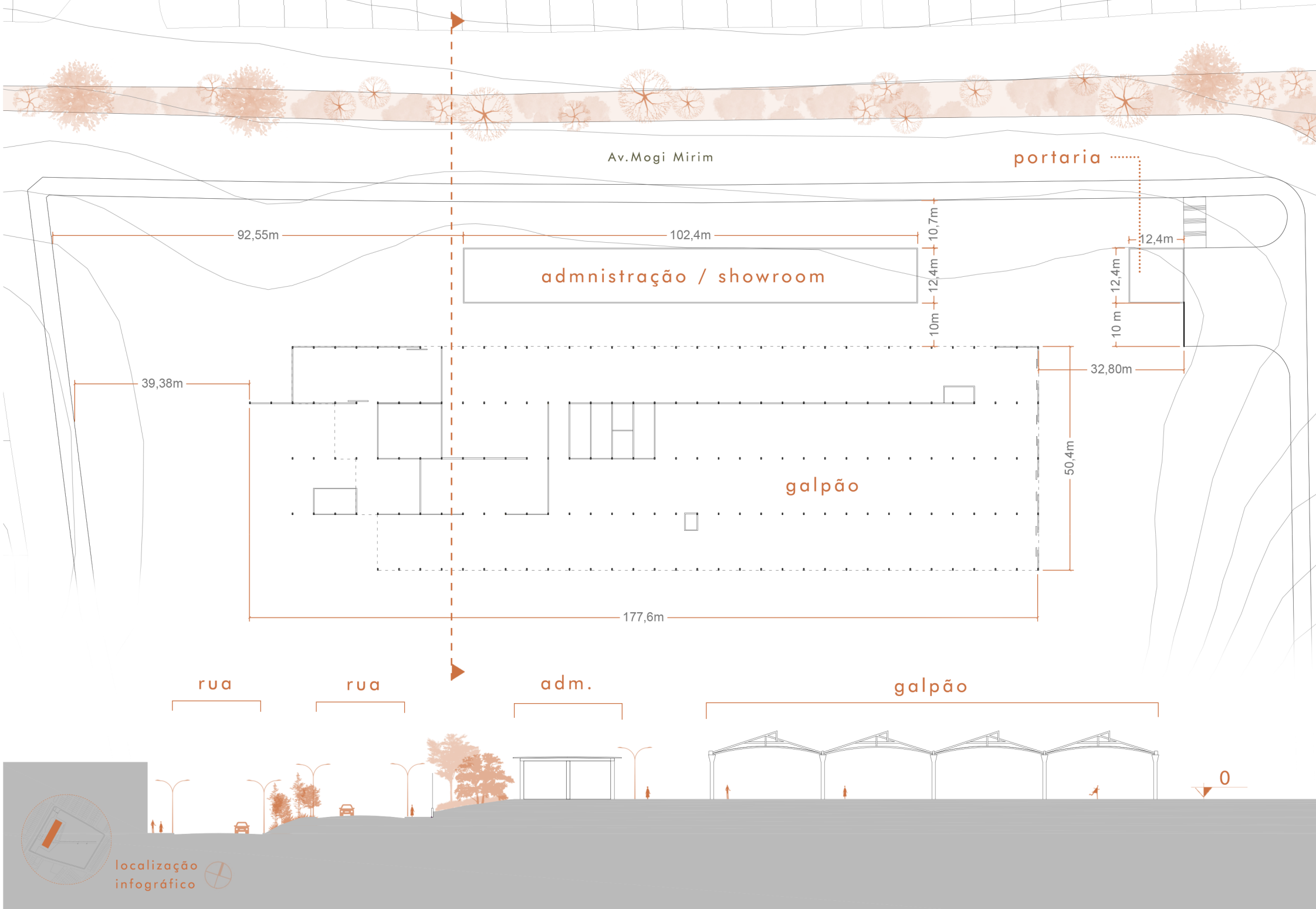
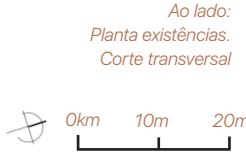
considerando a unidade configurada pelo galpão: manter, remover e adicionar. Desta forma, foi observada que a unidade do galpão é identificada a partir de sua estrutura de cobertura composta por pilares, treliças de madeira (em sua maioria, apresentando certos módulos com treliças metálicas, resultado provável de expansões e reparações estruturais), com aberturas em sheds e cobertura com telhas de fibrocimento. Esse conjunto, foi considerado como a base da configuração do edifício, portanto, foi decidido que seria mantido, tendo em mente que, embora seja importante realizar análises estruturais e talvez alguns reparos (uma abordagem que não foi tida como ponto focal neste trabalho), a estrutura completa se encontra estável.

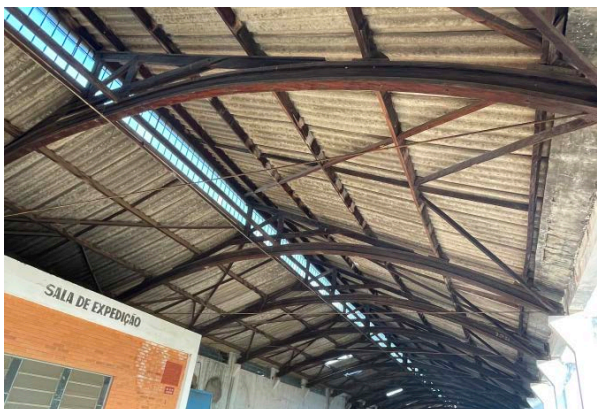
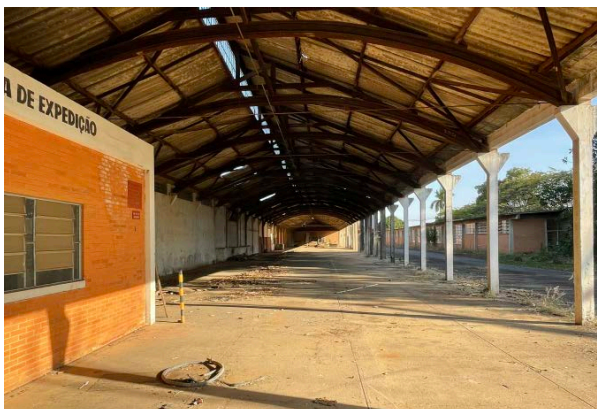


Esquema de indicação dos elementos que compõem a cobertura dos galpões a ser preservada.

Sem escala

A partir dessa primeira definição, a forma de lidar com alguns outros elementos presentes se tornou mais flexível de acordo com as necessidades do programa e da própria percepção do espaço tanto do galpão, quanto do local em que ele se insere, no terreno e na cidade, que apresenta diversos outros potenciais. Através da visita de campo, foi mapeado o grid estrutural, configurado longitudinalmente por eixos distantes aproximadamente 4,80m uns dos outros e, transversalmente, eixos que se distanciam em aproximadamente 12,50m (esquema eixos). Buscou-se também mapear da melhor forma as divisões internas do galpão considerando que nem todos espaços eram acessíveis.





Ao lado:  
Imagens dos galpões da  
Guainco tiradas durante a  
visita de campo

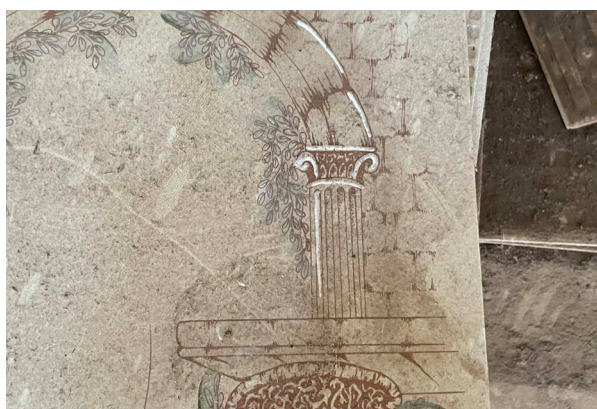
Fonte: Autora



Ao lado:  
Imagens dos galpões da  
Guainco tiradas durante a  
visita de campo

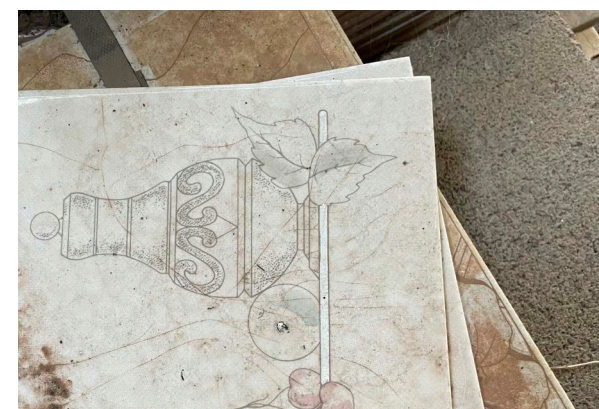
Fonte: Autora





Ao lado:  
Detalhes: azulejos  
abandonados no galpão

Fonte: Autora



Ao lado:  
Detalhes: azulejos  
abandonados na galpão

Fonte: Autora





Ao lado:  
Imagens dos galpões da  
Guainco tiradas durante a  
visita de campo

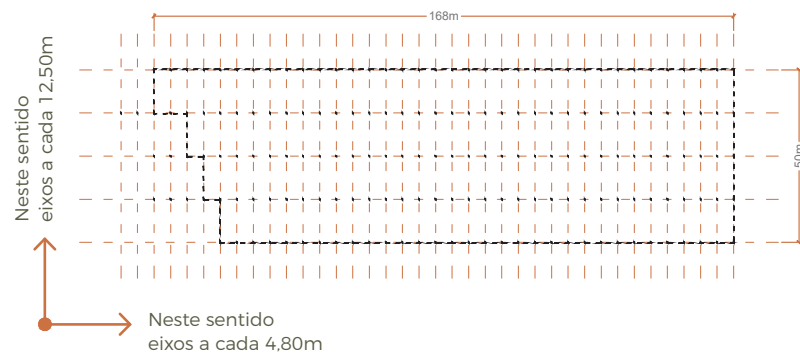
Fonte: Autora



Ao lado:  
Imagens dos galpões da  
Guainco tiradas durante a  
visita de campo

Fonte: Autora



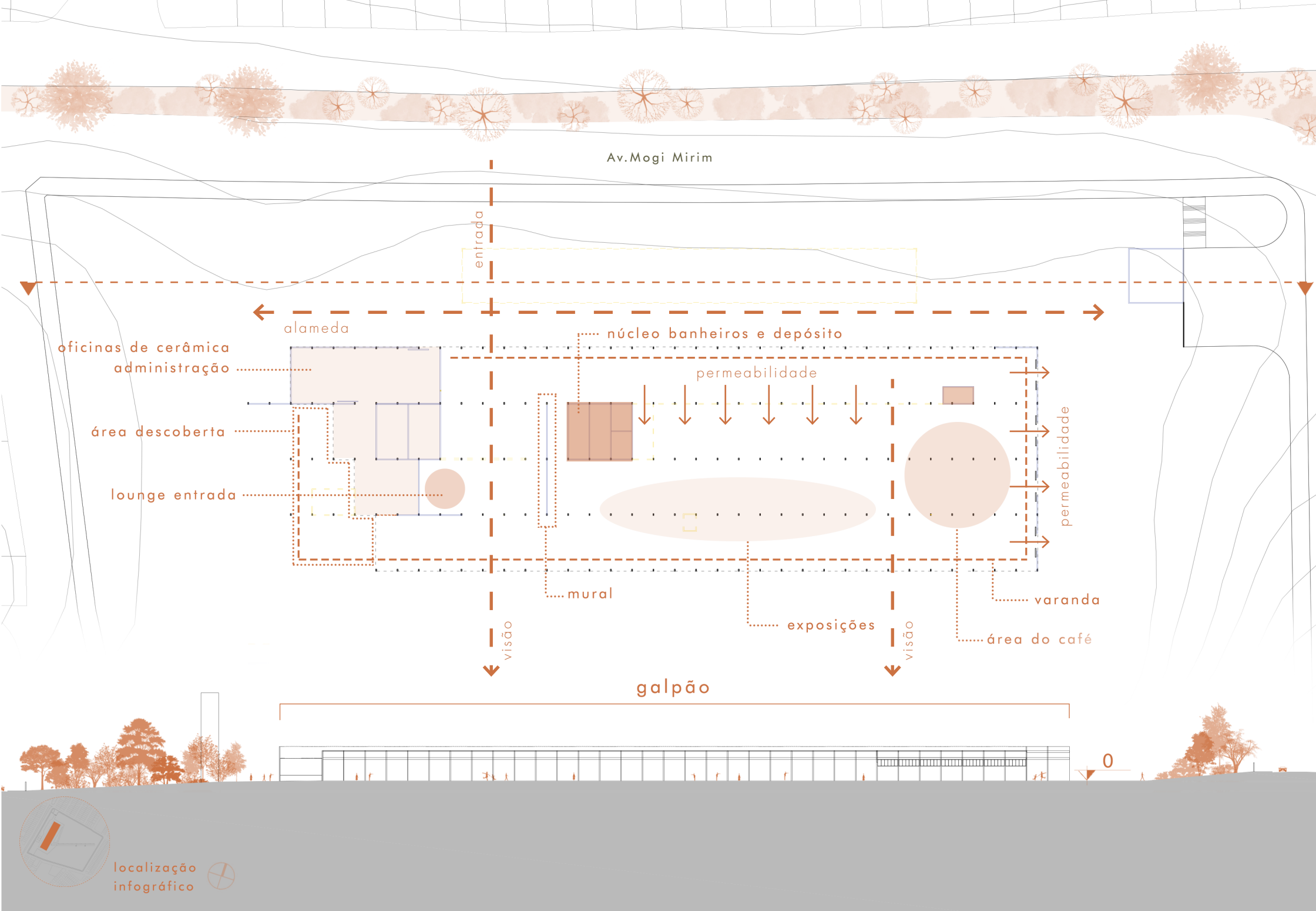
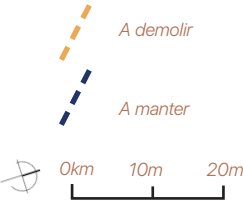


Com esta base estabelecida, foi possível começar a pensar o projeto do reuso, tendo com norte para as intervenções a compreensão das dimensões do galpão como algo que o caracteriza. Assim, tomou-se a decisão, já com o programa, os fluxos e os pontos focais em mente, de remover algumas das paredes que, de certa forma, não eram essenciais para o entendimento do todo da forma que era desejado. Neste momento, como mencionado, já havia sido definido que o galpão seria o edifício que abrigaria os principais programas do parque cultural, programas estes relacionados à cultura e à própria memória daquele espaço, além de alguns usos adicionais considerados como potenciais geradores de movimento:

- administração
- oficinas de cerâmica
- café
- ambiente de estar
- sala multiuso
- alameda
- área expositiva

Desta forma, depois de feitas análises de entorno, observações sobre o terreno, coleta de informações sobre as preexistências foi possível dar início efetivamente ao processo de concepção do projeto do Parque Cultural.

Ao lado:  
Planta a demolir e a manter  
com síntese inicial do projeto  
do equipamento cultural.





Usar a palavra “Ressignificado” para intitular a operação realizada neste projeto, representa não só a ideia de que um espaço que costumava funcionar de certa forma será adaptado utilizado com um outro propósito, mas traz consigo também um caráter relacionado à sua essência. Resignificar não é apenas reutilizar, mas sim pensar as novas dinâmicas com respeito à memória do local.

No caso da antiga Guainco, os galpões que antes foram fonte de emprego para centenas de Guaçuanos ao longo dos anos, começa a ser pensado, neste projeto, como um espaço de valorização da história e da memória, através de seu reuso como parte de um Parque Cultural. Como já foi abordado neste trabalho, o caso da Cerâmica foi tratado com uma certa flexibilidade considerando que não se trata de nenhum tipo de patrimônio protegido de alguma forma. Porém, o fato de não ser protegido por lei não significa que não deva ser preservado e incorporado da melhor forma aos processos da cidade.

Sendo assim, além de realizada uma breve pesquisa bibliográfica sobre o tema do reuso, foram também pesquisadas referências de projeto que pudessem auxiliar nas escolhas e intervenções que seriam realizadas.

Neste sentido, após algumas pesquisas, é impossível não mencionar o trabalho realizado pela arquiteta Italo-Brasileira Lina Bo Bardi no conhecido SESC Pompeia na cidade de São Paulo.



O projeto de Lina faz proveito da antiga fábrica de tambores da Pompeia, sendo complementado por edifícios em concreto a fim de atingir a área necessária para abrigar os usos pretendidos pela arquiteta. Além de ser um trabalho muito sensível em termos de projeto e reuso, é também um grande exemplo de como a arquitetura pode ser feita para o cotidiano das pessoas, e não para ser um objeto de admiração intocável.

Além de referências no âmbito do reuso, é importante lembrar que, desde o início, a ideia do projeto incluía o desenvolvimento de outros usos no espaço restante do terreno que auxiliassem em sua integração no cotidiano na cidade. Por esse motivo, foram buscadas também referências que envolviam, principalmente elementos conectores. Neste sentido, um exemplo observado foi o projeto realizado para a Universidade de São Paulo no campus da capital: o Complexo Praça dos Museus, de Paulo Mendes da Rocha juntamente com o escritório Piratininga Arquitetos. Nele, o elemento conector é uma rua aérea que conecta os diversos prédios do complexo em um grande eixo estruturador. O projeto teve sua construção iniciada, mas atualmente encontra-se abandonado por questões de cunho político e econômico.

Outra referência interessante para o projeto foi o Parque Fundidora em Monterrey. Neste caso, as dimensões do parque geraram a necessidade de se distribuir os usos nas suas diferentes áreas, de modo a atender as demandas e descentralizar, de certa forma, a concentração de usuários. Da mesma forma, o projeto do parque cultural conta com uma grande área e, como já foi mencionado, uma das ideias estruturadoras do projeto foi a distribuição dos diferentes programas no espaço, de modo a trazer mais movimento para suas diversas partes.

Além das referências citadas, diversas outras contribuíram para o desenvolvimento do projeto. Não existe projeto de arquitetura sem pesquisa de referências e seria impossível citar todas que auxiliaram no desenvolvimento deste, porém, os exemplos citados acima, fazem uma síntese das características que foram buscadas ao longo do processo.

Ao lado:  
SESC Pompeia, projeto de  
Lina Bo Bardi em São Paulo

Foto: Renato Parada



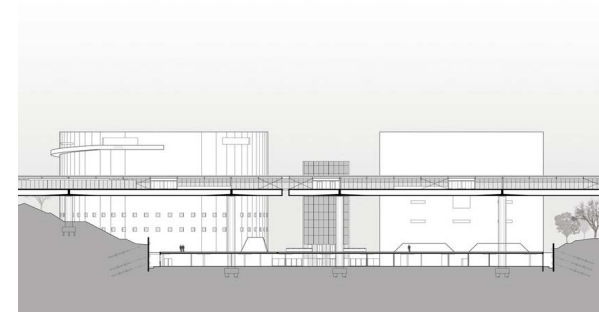
Ao lado:  
Parque Fundidora em  
Monterrey no México

Foto: Divulgação



Ao lado:  
Praça dos Museus da USP,  
projeto de Paulo Mendes  
da Rocha e Piratininga  
Arquitetos

Fonte: Archdaily



Desta forma, a implantação do projeto do parque partiu, com base nas análises e referências, de uma setorização de usos e fluxos desejados considerando o entorno, bem como as potencialidades e desafios apresentados pelo terreno. Assim, foi definida a posição daquilo que foi chamado de equipamento de conexão, com relação à preexistência que abriga os principais programas culturais, de modo que um pudesse servir ao outro.

As zonas definidas foram nomeadas com o intuito de facilitar a compreensão dos grupos de programas que foram pensados para o terreno. À preexistência são atribuídos os programas culturais, como já mencionado. Existe também o grupo intitulado “serviços” que corresponde ao local de entrada e saída de funcionários e mercadorias. O grupo chamado “estar”, bem como o grupo “contemplação” correspondem a fragmentos que distribuem-se no território aproveitando as potencialidades do terreno, sendo o primeiro as áreas de platôs que possibilitam a implantação de pequenas infraestruturas como banheiros, barraquinhas variadas e volumes de água; e o segundo, áreas em que o terreno apresenta maior declividade, criando locais com pontos visuais interessantes. E por fim, o grupo “esportes” se localiza estrategicamente na parte inferior do terreno, considerando que é a porção mais próxima da Escola Estadual, garantindo que o parque seja uma estrutura de apoio à escola e à comunidade.

As entradas são posicionadas observando as ruas que chegam ao terreno, de modo que não exista apenas uma entrada, mas sim diversas entradas equipadas que dão acesso às diferentes zonas do parque, na intenção de gerar movimento constante de pessoas nas diferentes áreas.

Levando em consideração as dimensões do terreno e o ritmo de desenvolvimento do trabalho, decidiu-se que não seria possível fazer o detalhamento de todo o parque, embora seus usos tenham sido pensados e brevemente indicados no plano de massas e na implantação. Assim, os elementos escolhidos para o detalhamento foram o equipamento cultural que toma forma no galpão da antiga fábrica; e o equipamento de conexão, que cruza todo o parque.

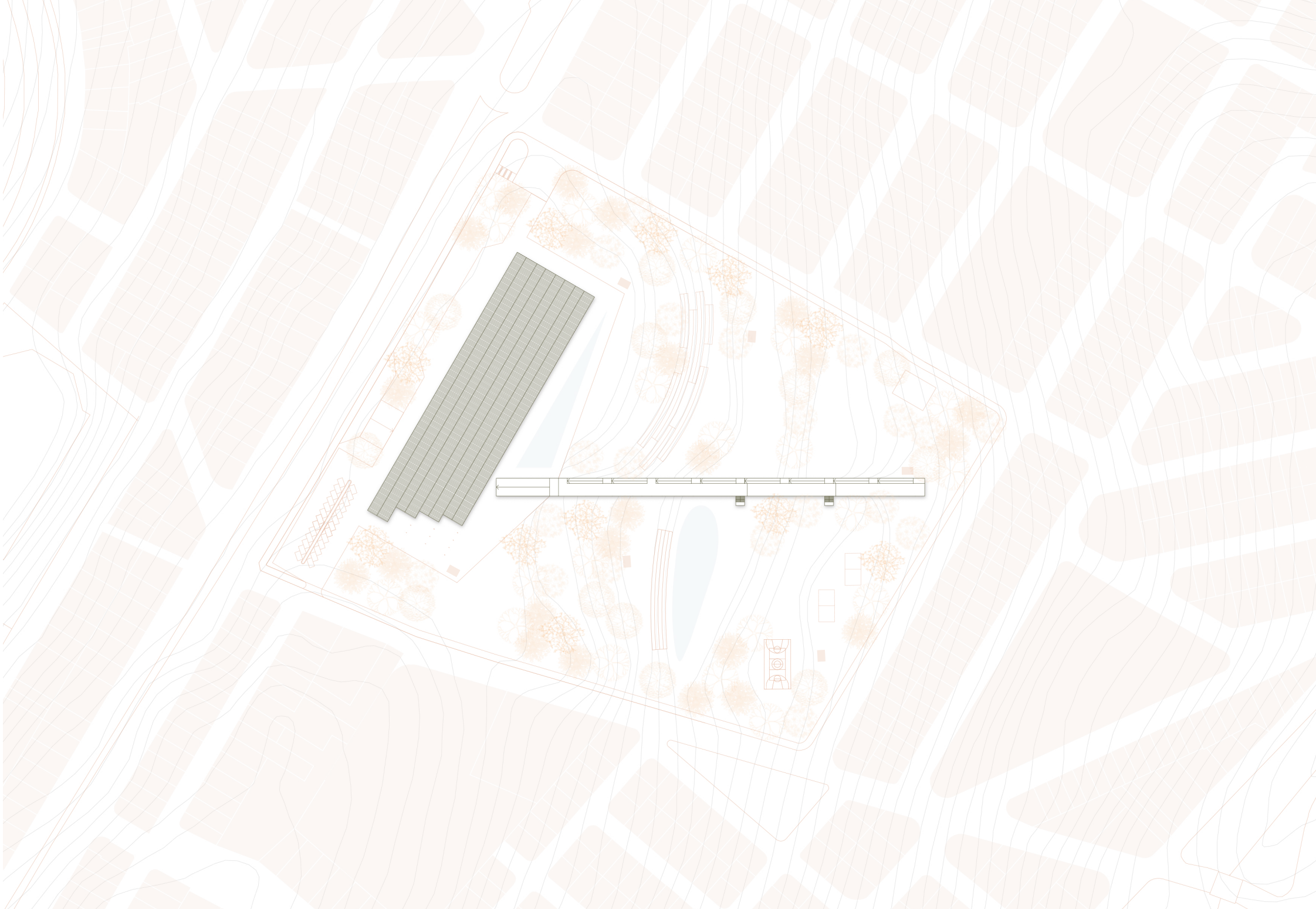
Ao lado:  
O mapa indicando a  
setorização pensada para  
o parque levando em conta  
seu entorno e suas  
potencialidades





# implantação

Ao lado:  
Implantação do equipamento  
de conexão com relação  
ao equipamento cultural na  
preexistência.





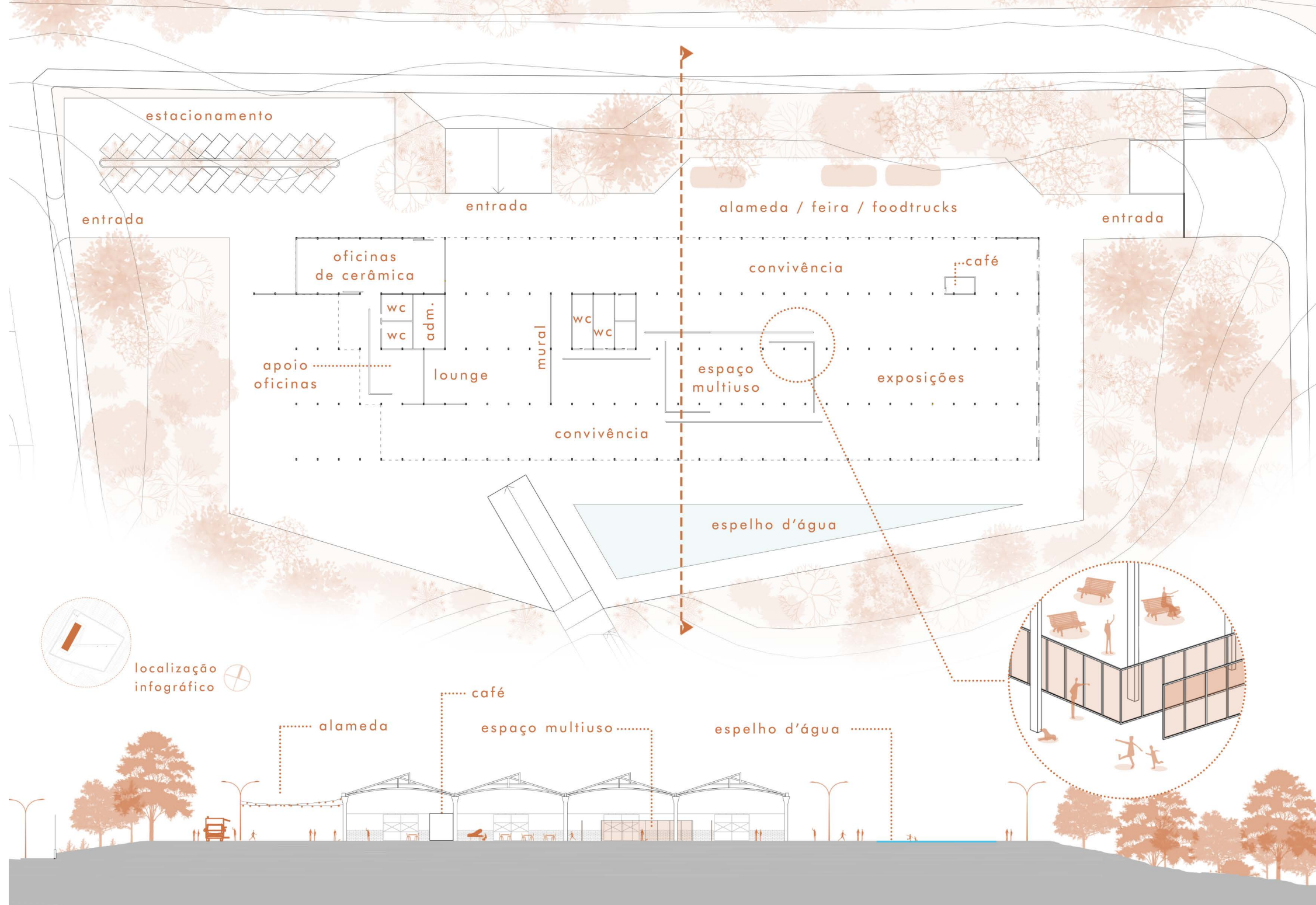
O programa do equipamento cultural já havia sido pensado de forma preliminar assim que foram mapeadas as paredes e o grid existente nos galpões. Era necessário naquele momento, entender se o espaço seria suficiente para os programas desejados. Portanto nada foi muito detalhado naquela etapa.

O projeto foi feito de forma muito semelhante ao que se havia imaginado de início.

Uma das entradas se localiza na Av. Mogi Mirim e é feita através de uma rampa. Ao entrar é possível tanto participar das atividades do equipamento cultural, quanto acessar o equipamento de conexão de modo que este caminho seja o mais direto para se passar pelo parque ou acessar as outras atividades que se distribuem no local. Nesta entrada, fica a recepção e administração do parque, um lounge de convivência e ponto de encontro, e existe também uma grande parede onde será feito um mosaico, utilizando-se dos azulejos abandonados no galpão, em homenagem à memória e à história do local e da cidade. Há também uma entrada na Rua Sérgio Sínico que faz proveito de uma pequena portaria já existente. Nesta entrada, é feito o acesso imediato à alameda, um espaço pensado não só para o caminhar, mas também para abrigar usos como a feira local que acontece aos sábados pela manhã; e outros eventos. A entrada localizada na Rua Yolanda Martini Chiarelli é destinada, principalmente, aos funcionários e serviços, por esse motivo, é equipada com um pequeno estacionamento.

Como imaginado, o pequeno café passa a funcionar dentro da antiga Sala de Expedição, recebendo o apoio da amplitude do galpão após a remoção de algumas paredes para abrigar algumas mesas e locais de estar. Esta amplitude também foi aproveitada para a sugestão de um espaço expositivo aberto. O caráter do espaço garante que ele funcione tanto quando está acontecendo alguma exposição, quanto quando não, de modo que ele se torna outro grande espaço de convivência e contemplação. Da mesma forma, o novo espaço multiuso foi pensado para abrigar eventuais exposições com itens que demandam certo cuidado com relação à eventos meteorológicos por exemplo. Porém, este espaço foi pensado de modo a não interferir na permeabilidade

Ao lado:  
Planta do projeto para o  
equipamento cultural.  
Corte transversal em 1:500  
do projeto para o



visual conseguida através da remoção de uma parede existente. Portando as divisórias são mais baixas que os pilares do galpão com 2,30m de altura, e, além disso, são estruturadas em molduras metálicas com vidro e configuradas de modo a caracterizar um espaço fechado, mas sem fazer uso de fechamento com portas.

O núcleo de banheiros existente foi mantido no mesmo local, sendo próximo o suficiente da entrada, do café, da área expositiva e do espaço multiuso.

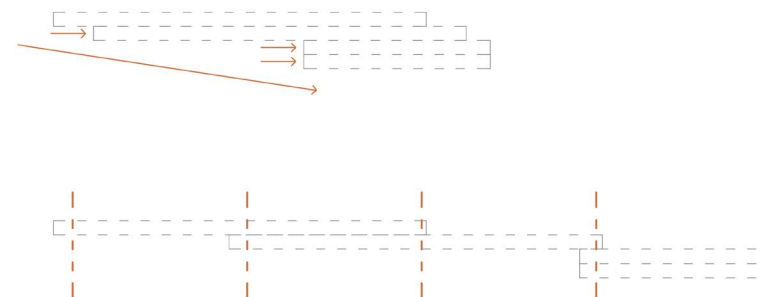
Próximo à entrada da Rua Yolanda Martini Chiarelli, foi reutilizado o grande espaço fechado que já existia para o uso das oficinas de cerâmica. Considerando que o espaço fechado não seria inteiramente suficiente, foi pensando em um espaço de apoio, delimitado entre algumas paredes existentes e uma nova parede, com a mesma estrutura das divisórias do espaço multiuso, porém com vidros levemente mais opacos para conferir um pouco mais privacidade à quem participa das oficinas. Esta atividade também foi pensada como uma forma de respeitar a memória e o compartilhamento de uma forma de arte. Em algum momento na história, as cerâmicas eram feitas apenas de forma artesanal, e, embora o equipamento se localize numa antiga fábrica, que sugere uma produção industrial de cerâmica, a questão da produção com as próprias mãos remete muito aos processos e à valorização da memória.

Finalmente, ao lado da rampa de acesso ao equipamento de conexão, foi projetada uma pequena esplanada para contemplação bem como um espelho d'água que pode servir como fonte de frescor nos dias mais quentes.

A formalização do equipamento de conexão partiu, primeiramente, da planta realizada com as setorizações dos programas. Observando que existia uma sugestão de fluxo pela própria topografia, foi pensado em um equipamento linear ligeiramente inclinado com relação ao equipamento cultural. O desnível entre o platô onde se encontra a preexistência e a parte mais baixa do terreno é de aproximadamente 22m, sendo que o primeiro desafio foi fazer com que essa transposição ocorresse de forma agradável e acessível. Para isso, a configuração pensada foi a de lâminas que se sobrepõem de modo que, uma vez deslocadas,

passariam por todo o terreno até chegar à sua parte mais baixa.

Foram pensadas 4 lâminas com 4m de altura cada uma, além de uma rampa de acesso partindo do equipamento cultural com um desnível de 3m. Desta forma, foram ao todo 19m de desnível transpostos pelo equipamento.



Acima nesta página:  
Esquemas de concepção do  
equipamento de conexão

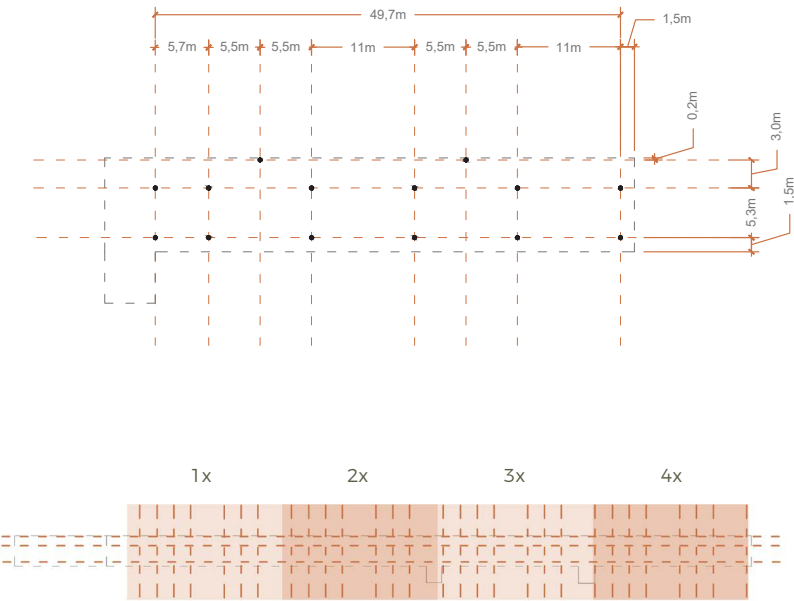
Sem escala

Todos os níveis do equipamento, além de dar acesso uns aos outros através de uma rampa e uma escadas, apresentam o caráter de terraço e/ou de varanda:

- Nível -3: terraço
- Nível - 7: terraço e varanda
- Nível -11: terraço e varanda
- Nível - 15: varanda
- Nível - 19: varanda

A diferença de nomenclatura se deu apenas como uma forma de indicar que os níveis de terraço, são descobertos, com um caráter de praça a céu aberto; já os níveis varanda, são níveis com cobertura, mas não fechados, de modo que existe uma aptidão para o ser um espaço para um “estar interno”, mas sem deixar de fazer parte do externo que compõe o parque. Além disso, algumas das lâminas do equipamento não tocam o chão, de modo que configuram no parque alguns vãos cobertos que possibilitam a passagem das pessoas por baixo dele.

Ao todo o equipamento tem 10m de largura e 209,7m de comprimento, além da rampa sua rampa de acesso a partir do equipamento cultural com 30m de comprimento, totalizando 239,7m. Sua estrutura foi pensada de modo que fosse atribuído à ele um sentido algo rochoso, considerando que em alguns momentos ele se coloca dentro do terreno. Desta forma, foi definida uma estrutura de concreto com pilares de seção circular de 50cm que se distribuem em um grid.



Como observado no esquema, existem 3 linhas de pilares, sendo que duas delas delimitam a rampa de 3m de largura; e a outra é posicionada de modo a sugerir dois espaços: uma varanda de 1,5m e uma área "interna" entre a rampa e a varanda com 5,3m. No sentido transversal existem 8 eixos de pilares, sendo que os pilares externos da rampa são deslocados

Acima nesta página:  
Esquemas estruturais do  
equipamento de conexão

Medidas indicadas

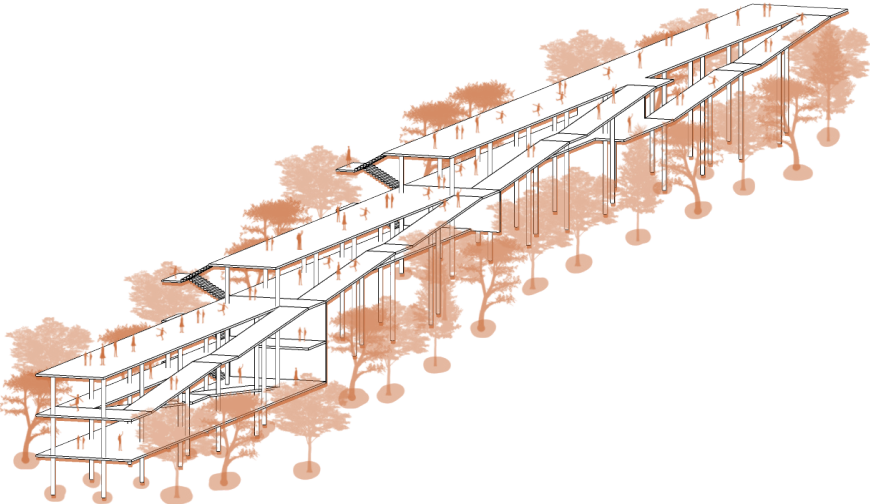
dos outros, de modo a contemplar melhor, estruturalmente, as mudanças de altura causadas pela variação de altura da rampa.

O grid estipulado totaliza 49,7m de comprimento e se repete 4 vezes ao longo do equipamento.

Como será possível observar nas plantas de detalhamento, além dos espaços de terraço e varanda, alguns dos níveis dão acesso ao parque, de modo que o equipamento contempla não só o fluxo cotidiano como foi mencionado desde o início, mas também a própria contemplação e o uso dos diversos espaços do parque.

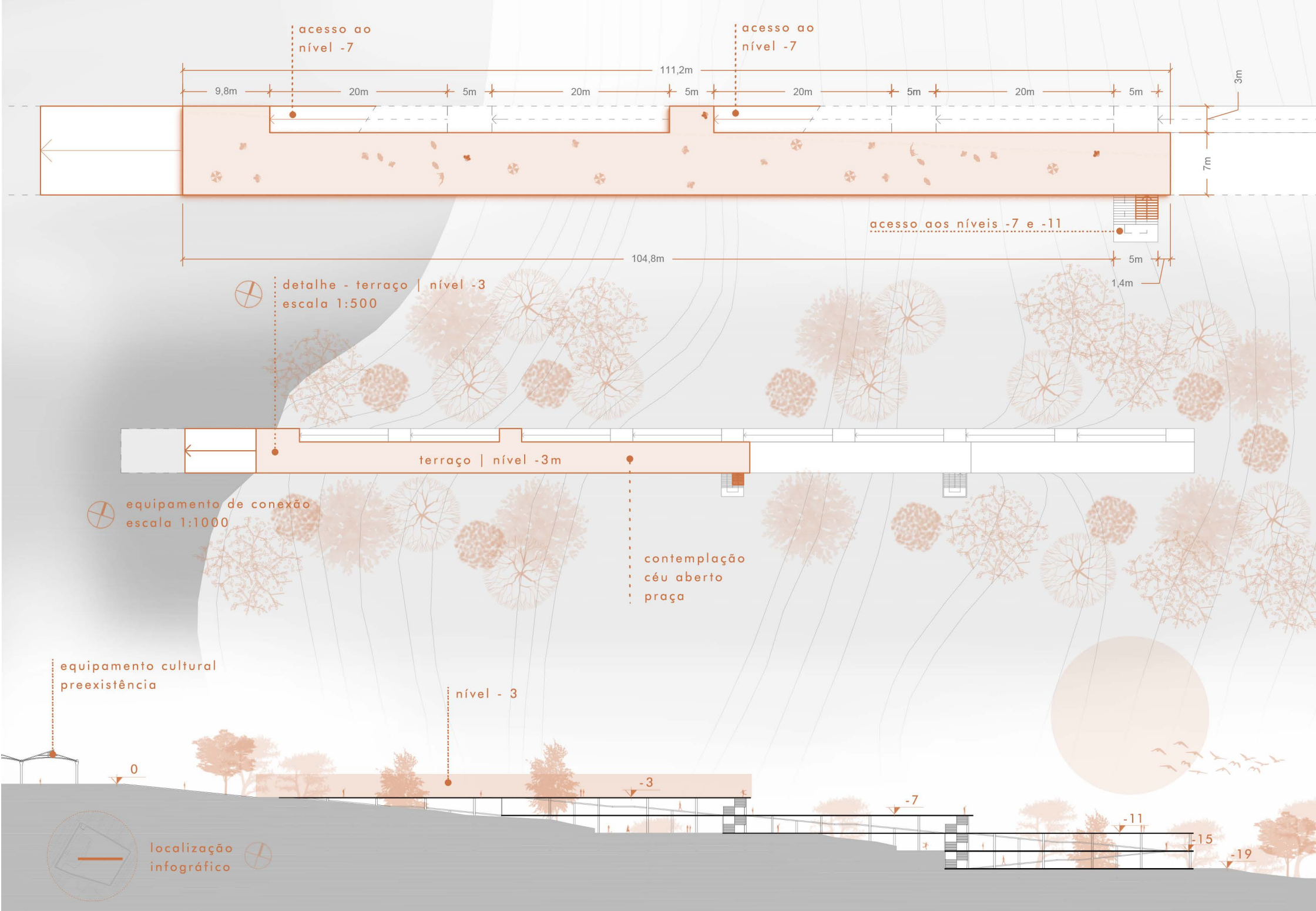
Abaixo:  
Equipamento de conexão.  
Perspectiva ilustrativa

Sem escala





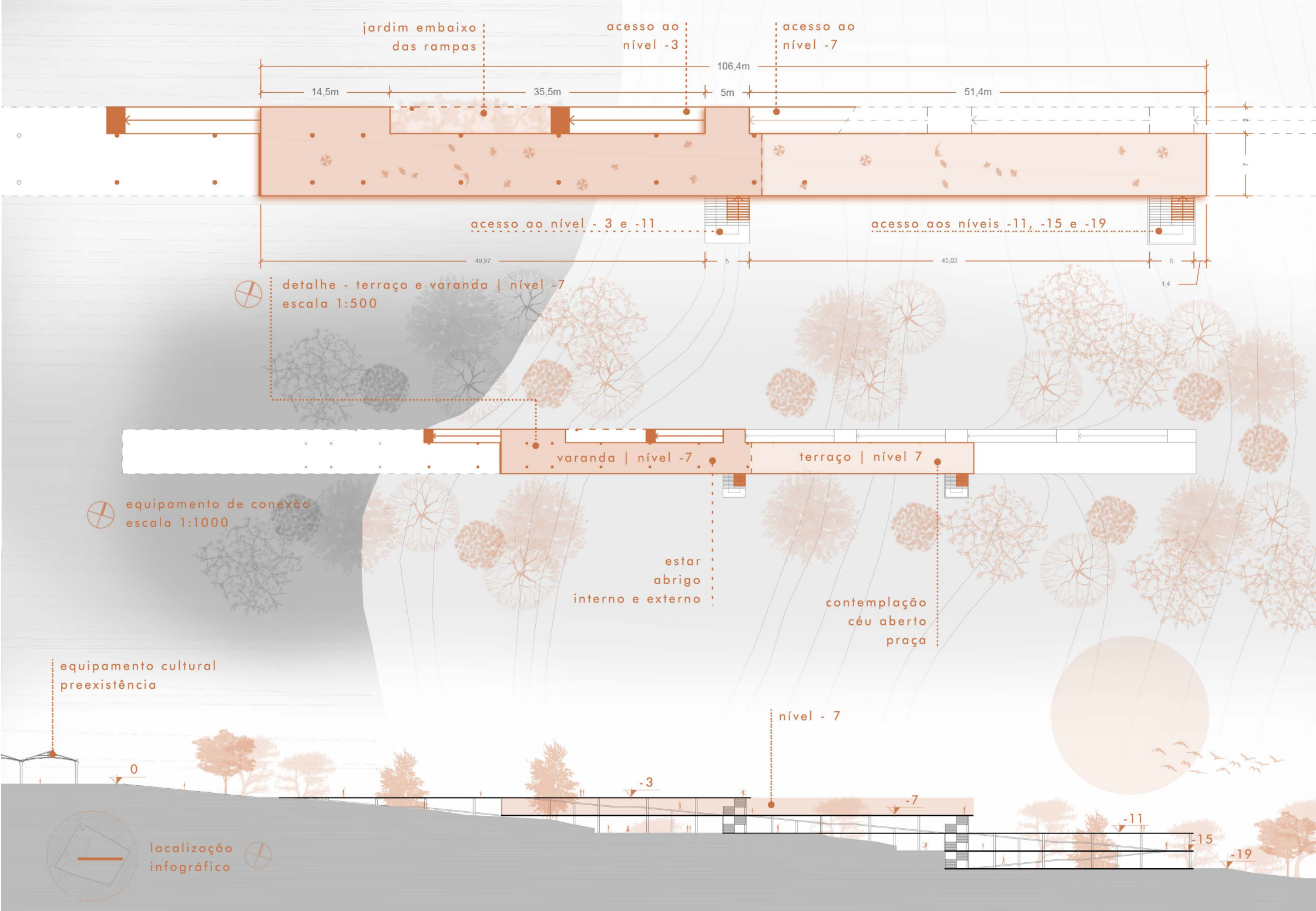
# nível -3



Ao lado:  
Plantas e corte do  
equipamento de conexão  
indicando o nível -3

Escala indicada

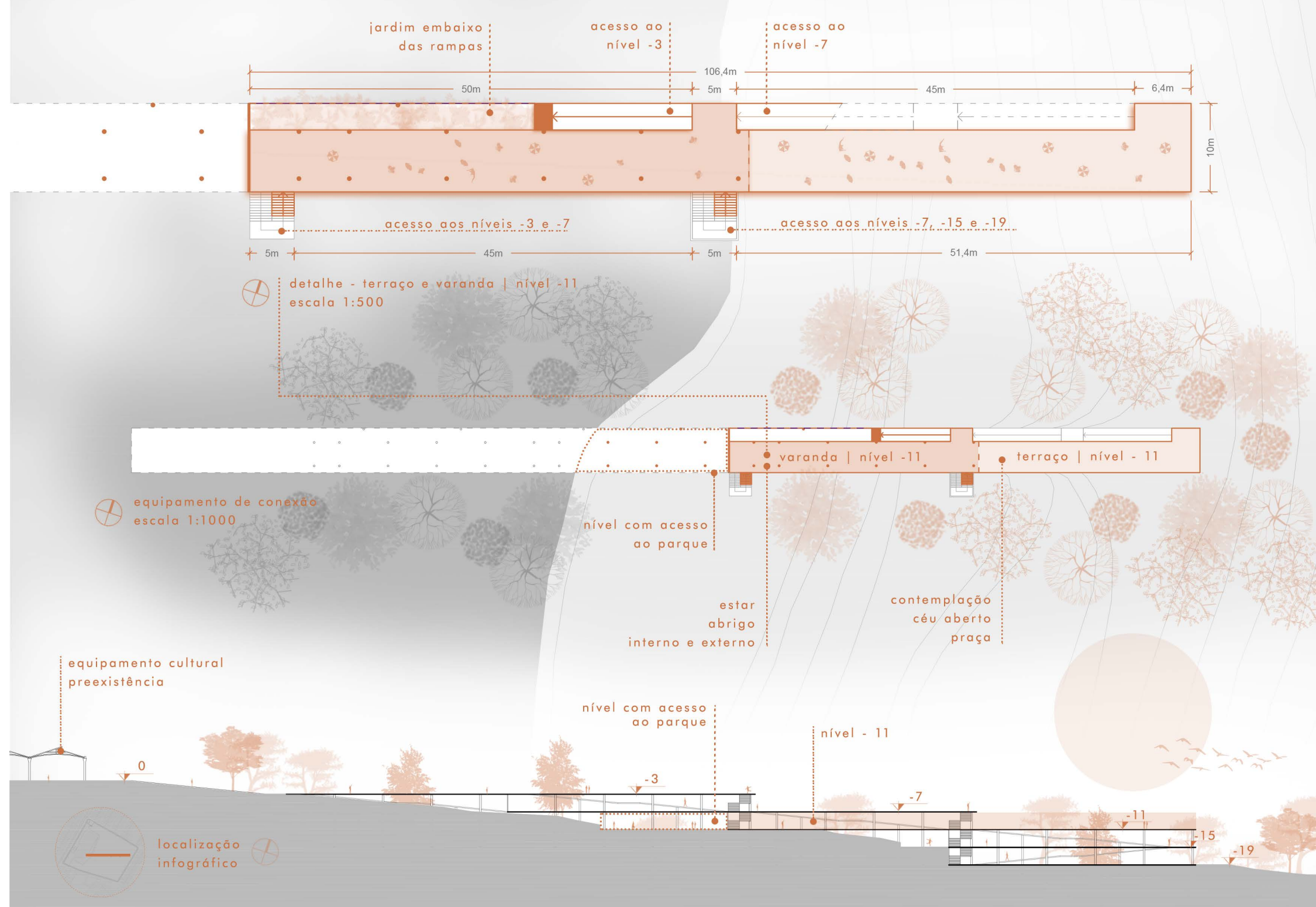
# nível -7



Ao lado:  
Plantas e corte do  
equipamento de conexão  
indicando o nível -7  
Escala indicada



# nível -11

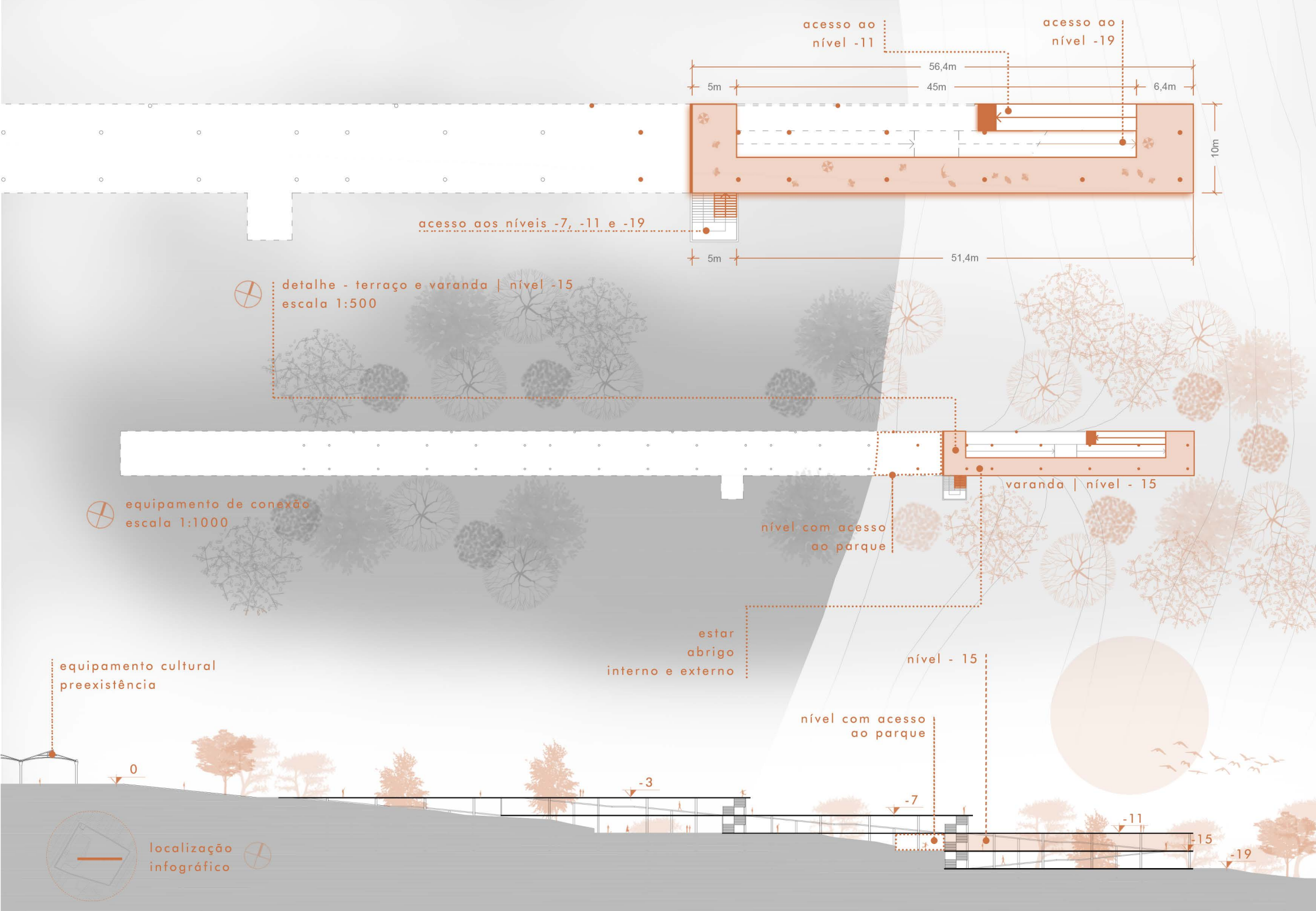


Ao lado:  
Plantas e corte do  
equipamento de conexão  
indicando o nível -11

Escala indicadas

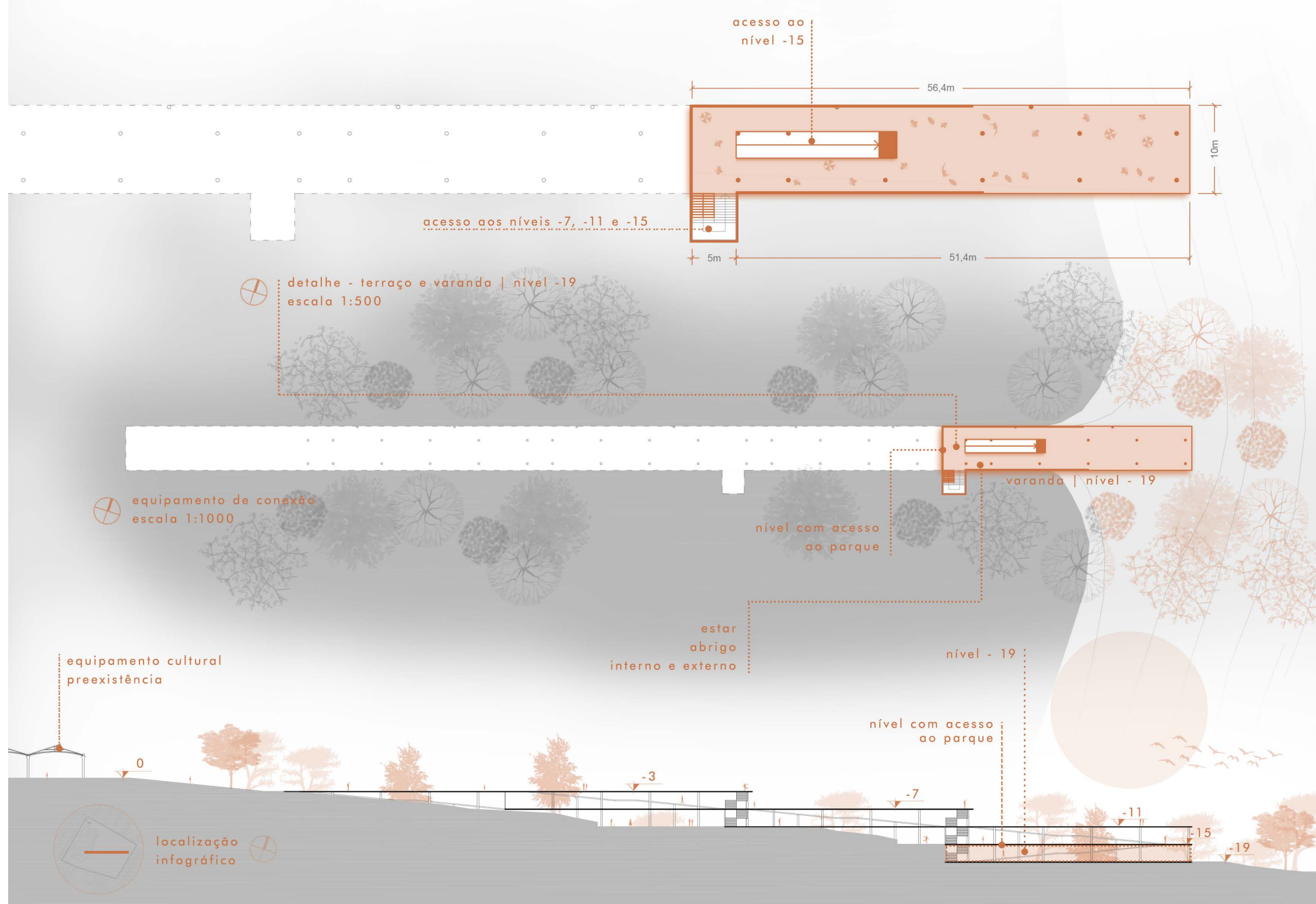


# nível -15



Ao lado:  
Plantas e corte do  
equipamento de conexão  
indicando o nível -15

Escala indicada



Ao lado:  
Plantas e corte do  
equipamento de conexão  
indicando o nível -19

*Escalas indicadas*



Intitular este trabalho como mosaico parte de um reflexão muito pessoal realizada próxima ao final desde longo ano de desenvolvimento do projeto. Assim como desde o início considerou-se a coleta de informações e análises como uma coleta de fragmentos, tendo em mente que o tema não havia sido formulado de imediato no início do ano, o próprio processo de pensar o projeto foi também realizado de forma dinâmica, variada e "imperfeita". Como mencionado já no resumo, a analogia do mosaico se torna ainda mais interessante para este trabalho particularmente, se considerarmos que ele foi desenvolvido a partir do reuso do espaço de uma antiga indústria cerâmica, onde era feita principalmente a esmaltação dos mais variados tipo de azulejos decorativos. Nas visitas feitas ao local, a presença de diversas caixas de azulejos abandonados junto com aquele enorme galpão, chamou a atenção logo de início e forneceu um material muito mais rico do que qualquer outro que poderia ser encontrado através dos meios mais comuns de pesquisa como a internet, bibliotecas, jornais, entre outros; considerando que Mogi Guaçu é uma cidade relativamente pequena, com pouco material histórico e cultural organizado e resguardado. A cidade ainda carece de formas para contar sua história, principalmente quando se trata da consideração dos resquícios industriais no município como parte de um momento histórico e social que deve de alguma forma ser mantido na memória. Portando, encontrar



aquele material, foi algo muito interessante e marcante que, mais tarde, refletiu em um título com muito significado e que abriu portas para reflexões ainda maiores sobre o próprio processo do Trabalho Final de Graduação (TFG), mas também sobre a própria arquitetura.

Tendo isso em mente, o grande norte de um TFG é sempre um tema. Já no início do processo a orientação é para que seja definida uma questão, algo a ser discutido e/ou resolvido. Essa é uma etapa muito importante, mas é relevante ressaltar que nem sempre, ou arrisco dizer, quase nunca, isso significa que o tema seja algo que não vá se alterar ao longo do desenvolvimento do trabalho. Frequentemente, existe um apego maior do que necessário por questões que no final das contas se desenvolvem naturalmente ao longo dos processos, e, analogamente, essa é exatamente a natureza de um mosaico: a ideia de confiar na dinamicidade das peças e no processo de organizá-las e encaixá-las, trabalhando a capacidade de imaginar as coisas como um todo. Seguindo a linha desta reflexão, é possível ainda observar como o próprio projeto de arquitetura é um conjunto de peças nada uniformes, que compõem um grupo de necessidades, que devem ser encaixadas da melhor forma. Nesse sentido, é dito “melhor forma” e não “perfeitamente” ou então “resolvendo 100% de todas as questões existentes”, porque na verdade, as necessidades são como um mosaico, a cidade é como um mosaico, as pessoas são como um mosaico, sendo assim, não teria como a arquitetura ser diferente.

Em muitos momentos deste trabalho tentei encaixar de forma “perfeita” os programas, os fluxos, as necessidades; buscando harmonia, funcionalidade, “beleza”; deixando a mente um pouco distante do conjunto final não só do projeto em si, mas do contexto em que ele está inserido. Porém, felizmente, pouco a pouco, ao longo dos processos de desenho, modelos, orientações: o trabalho foi tomando forma. Importante mencionar que imaginei que alcançaria um desenvolvimento muito maior do que consegui ao longo desse ano, porém, tenho ciência de que este TFG é apenas um dos fragmentos que me compõem como arquiteta, um fragmento único, dinâmico e, ainda bem, “imperfeito”, pois só assim que um mosaico realmente se completa.

*Finalmente, ao fazer toda esta reflexão baseada na analogia da arquitetura com um mosaico, peço licença para me perguntar se, nesta escola, não formaríamos melhores arquitetos se, na verdade, formássemos mosaicistas.*

### **Espaço Público**

GATTI, Simone. Espaços Públicos: Diagnósticos e Metodologias de Projeto. São Paulo: ABCP, 2013.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA DE 1988. BRASIL, Lei 5788/90. Estatuto da Cidade. Presidente da República em 10 de julho de 2001.

HEEMAN, Jeniffer; SANTIAGO, Paola Caiuby. Guia do Espaço Público: Para inspirar e transformar. São Paulo: Conexão Cultural, 2016.

INDEPENDENT MAGAZINE OF ARCHITECTURE + TECHNOLOGY. PUBLIC SPACE STRATEGIES - ACTIVATORS. Espanha: A+T Architecture Publishers, n. 51, 2018. Bianual.

LYNCH, Kevin. The image of the city. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

## Mogi Guaçu:

ARTIGIANI, Ricardo. Mogi Guaçu 3 Séculos de História. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz Ltda., 1984.

ELIAS, Jéssica Caroline Guerrero. Resignificar: Centro de integração, cultura e lazer. 2019. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Jaguariúna, Jaguariúna, 2019.

CASPAROTTO, Ana Beatriz. Antiga Cerâmica São José Guaçu: Uma proposta de memória e revitalização. 2009. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, 2009.

LEGASPE, Augusto César Bueno. Mogi Guaçu: Breve relato histórico. 4. ed. Mogi Guaçu: Loja Maçônica 30 de Dezembro - Mogi Guaçu, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOGI GUAÇU. História do Município, um pouco sobre nossa cidade. Disponível em <<https://www.camaramogiguacu.sp.gov.br/historia-municipio.php#:~:text=Cortada%20pelo%20rio%20que%20originou,pousada%20para%20tropeiros%20e%20desbravadores.>>. Acesso em 21 de maio de 2022.

PREFEITURA DE MOGI GUAÇU-SP. Lei Complementar nº N° 1.291, de 26 de outubro de 2015. Dispõe sobre a revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI) de Mogi Guaçu e dá outras providências. [S. l.], 26 out. 2015.

## Patrimônio Industrial:

KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. Patrimônio.Revista Eletrônica do IPHAN, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, n. 4, 2006. Disponível em: < <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=165> >.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: Problemas teóricos de restauro. 2. ed. Cotia: Ateliê, 2018.

STUEMER, Cristine Machado. Reconversão do Patrimônio Industrial e os Valores Contemporâneos. 2010. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

RIBEIRO, E. B. (2020). Resenha: Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro Kühl, Beatriz Mugayar. 2.ed. Cotia: Ateliê, 2018. 328p. Revista CPC, 15(29), 208-218. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v15i29p208-218> RUFINONI, Manoela Rossinetti. Preservação e Restauro Urbano: Teoria e prática na intervenção em sítios industriais de interesse cultural. 2009. 347 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.



